

FERNANDO PAIS DE TAMALHANCOS: TROVADOR E CAVALEIRO*

José António SOUTO CABO
Universidade de Santiago de Compostela

1. ORIGENS FAMILIARES¹

A biografia do trovador galego-português Fernando Pais de Tamalhancos² [1196-1242] foi estudada por Michaëlis e revista, à luz da documentação histórica de finais do séc. XII e da primeira metade do séc. XIII, por Oliveira e, mais recentemente, por Monteagudo³. De acordo com esses estudiosos, deverá ser a personagem (total ou parcialmente) homónima que exerceu de modo descontínuo como tenente de Búval (1216, 1222, 1229, 1231, 1233, 1239-1242) e do castelo de Alva (1216-1218, 1227, 1232, 1233, 1236, 1238, 1240), fortaleza situada no interior dessa antiga jurisdição galega, onde também se inclui a povoação de Tamalhancos (c. Vila Marim).

Relativamente a ascendentes familiares remotos, Carolina Michaëlis⁴ tinha notado a existência de um Fernando Eanes, bisavô de

* Este trabalho é resultado dos projectos: PGIDIT06CSC20401PR e PGIDITINCITE-09204068PR. Agradecemos a ajuda e as sugestões que nos foram oferecidas por Marta Afonso, Mariña Arbor, Mercedes Brea, Carlos Paulo Martínez Pereiro, António R. de Oliveira e Yara F. Vieira.

¹ Ao longo do texto utilizamos os símbolos que se seguem: “[←.]” = relação paterno-filial, “[.]” = período em que se documenta a actividade de um indivíduo, {..} = apelido(s) linhagístico(s). Relativamente aos conteúdos, concretos ou genéricos, sobre as origens sociais do trovadorismo galego-português, seguimos J.A. Souto Cabo, *Adeante se começam as cantigas que fezerom os cavaleiros*, Niterói-RJ, EDUFF (no prelo) e “O eco das primeiras vozes”, em E.M. Oliveira Gomes (ed.), *Actas do VIII Colóquio da Secção Portuguesa da AHLM, UTAD, Vila Real, 11-12 de Novembro de 2010* (no prelo) [Separata em edição autónoma, Santiago de Compostela, 2011], trabalhos que, portanto, só citaremos excepcionalmente a partir deste momento.

² Nos cancioneiros encontramos as formas “Tamalancos” e “Talamancos”. A origem galega e a cronologia do trovador explicam o uso de <l> para representar a lateral palatal, já que a adopção de <lh> é um facto essencialmente português cujos primeiros testemunhos pertencem à década de sessenta do séc. XIII. Os *Livros de Linhagens* registam diversas variantes, mais ou menos deturpadas, do tipo “Calamanços”, “Calhamanços”, “Tamallanços”. A documentação notarial galega apresenta um amplo leque de resultados: “Tamalancos”, “Tamallancos”, “Tamallangos”, “Tamalangus”, “Tamaliangos”, etc.

³ C. Michaëlis de Vasconcelos, *Cancioneiro da Ajuda*, Halle, Max Niemeyer, 1904 [Reimpressão Lisboa, INCM 1990], vol. II, pp. 545-549; A. R. de Oliveira, *Depois do espectáculo trovadoresco*, Lisboa, Colibri, 1994, p. 342; H. Monteagudo, *Letras primeiras. O Foral do Burgo de Caldelas, os primórdios da lírica trovadoresca e a emergência do galego escrito* (Biblioteca Filológica Galega Instituto da Língua Galega), Corunha, Fundación Pedro Barrié de la Maza, 2008, pp. 395-416, 510-512.

⁴ *Cancioneiro da Ajuda*, op. cit., p. 547.

Fernando Pais de Tamalhancos, a quem Afonso VII dera Tamalhancos e Vila Marim, segundo notícia compilada por Argote de Molina⁵ sobre os Chacim:

Son los deste linage descendientes de la casa de Villamarin en el reyno de Galizia, en el obispado de Orense, a dos leguas de la ciudad, a la mano derecha del camino que va de Orense a Sanctiago. Es lugar de vasallos y jurisdiccion dada a los deste linage por el Emperador D. Alonso octavo deste nombre como consta por el privilegio que los señores della tienen, dado por el rey D. Sancho el Bravo ... Por el qual confirma un privilegio de el sancto rey D. Fernando ... Por el qual haze relación que por información y notoriedad le consta que el serenissimo emperador de las Españas D. Alonso su revisabuelo dio de juro de heredad a Fernando Joanes, visabuelo de Fernando Pelagio de Tamallancos tres villas, conviene a saber: la villa de Plana, con las villas adyacentes: Gulpillanes, Pedrón y Paderne. La villa de Tamallancos en Búbal con las villas adyacentes: Chacín, Boimorto, Lorero y Cambeo. Y la villa de Villamarin en Búbal con las villas adyacentes de Lion, Barbantes y Vinna. Y así mismo que el ilustrissimo rey D. Alonso su padre le había hecho donación de la villa de San Estevan de Quartelas en Asma con las villas a ella adyacentes de Sancta Cruz, Bruciños y Ruviaes. Y por haberse perdido las cartas de donación y por ser notorio la posesión en que el dicho Fernando Pelagio de Tamallancos estava en el señorío dellas, se las otorgó por juro de heredad. Y del nombre de los lugares de que eran señores usaron los descendientes de esta casa diversos apellidos, de Tamallancos, Villamarin, Chacin, Loreyro, Gulpillanes y Ruviaes. Hoy el señor de la casa conserva sólo el nombre de Villamarin, juntamente con las armas que se ven en la misma casa, que son en campo azul cinco medias lunas de plata y dentro de cada media luna una estrella de oro. Cuyas armas fueron ganadas en batalla con el rey Ixeca de Córdoba, en una poderosa entrada que hizo en el reyno de Galizia.

A ilustre investigadora alemã não conseguiu fixar historicamente a figura desse Fernando Eanes. Porém, contamos com dados que possibilitam identificá-lo com um notável vulto da corte de Afonso VII ligado às antigas *terras* galegas do Morrazo e de Toronho (cfr. *infra*).

A equivalência onomástica observada entre “Fernando Pais”, “Fernando Varela” e “Fernando Pais de Tamalhancos”, como denominações para um mesmo indivíduo, ainda nos levará a reconhecê-lo sob a designação de Fernando (Pais) Varela, filho de Paio (Moniz) Varela [1186?-1223]⁶. Essa hipótese tornou exequível retrotrair de

⁵ G. Argote de Molina, *Nobleza de Andalucia*, Jaén, Francisco López Vizcaino, 1866 [1.^a ed. Sevilha, 1588], pp. 679-681.

⁶ A documentação refere, entre outros, três nomes para o tenente de Búbal/Alva entre 1216 e 1242: “Fernando Pais” (1216-1218, 1222, 1227, 1229, 1231-1233, 1236, 1238, 1239, 1241),

modo sensível a biografia documentada do trovador e descobrir uma parte basilar dos seus antecedentes familiares. Com efeito, a ocorrência de pai e filho em diplomas lavrados em 1197 (Quadro 1) evidencia que ambos chegaram a exercer como alferes régios, ao qual o pai acrescentou a função de mordomo⁷.

Quadro 1

1197 Santiago (*Afonso IX*, núm. 102): “Pelagio Munionis regis signifero”
 1197 Ciudad Rodrigo (*Afonso IX*, núm. 104): “Pelagio Varela, tenente Aguilar de Petriayo. Fernando Pelagii eius filio regis signifero.”
 1197 (*Afonso IX*, núm. 105): “Fernando Pelagii regis signifero”
 1197 Villafranca (*Afonso IX*, núm. 106): “Pelagio Munionis regis maiordomo. Eius filio Fernando Pelagii regis signifero”.

A personagem em causa terá sido também conhecida pelo nome de Fernando Pais de Capelo, devido a um ferimento que sofreu na batalha das Navas de Tolosa (1212). Essa notícia ficou registada nos *Livros de linhagens*, que transmitem diversos dados –alguns de duvidosa veracidade– sobre o seu contexto familiar:

De dom Fernam Paez de Capelo, donde descenderom os Varelas de Galiza, e chamouse de Vila Marim. Este dom Fernam Paez de Capelo, por que lhe chamarom de Capelo, foi porque lhe derom em na lide das Naves de Tolosa ùa porrada em o capelo de ferro que trazia na cabeça, tam grande que lhe meterom o rombo pela cabeça. E este dom Fernam Paez do Capelo foi casado com dona Tareija d’ Ulhoo, e fez em ela dom Gonçalo Fernandez, que foi arcebispo de Santiago, e outro filho que houve nome Joham Fernandez Varela. E este dom Joham Varela foi casado com dona Maria Pirez Sarraça (*LC 76A1*).

Noutro passo dessas fontes, encontramos informação respeitante ao matrimónio de uma filha de Fernando Pais de Tamalhancos, Sancha Fernandes, com Fernando Gil (1255-1261)⁸: “E dom Gil Fernandes Batissela foi casado com uma dona Elvira Paes ... e fege nela dom Fernão Gil ... E este Fernão Gil foi casado com dona Sancha Fernandes, filha de dom Fernão Paes de [T]alamancos” (*LD 20C3-4*)⁹. Fernando Gil era neto de Fernando Airas Batissela

“Fernando Varela” (1217) e “Fernando Pais de Tamalhancos” (1232). Veja-se H. Monteagudo, *Letras primeiras*, op. cit., pp. 392-403.

⁷ Veja-se J. de Salazar y Acha, *La casa del Rey de Castilla y León en la Edad Media*, Madrid, Centro de Estudios Políticos y Constitucionales, 2000, p. 424.

⁸ Esteve presente na corte de Afonso III (1255-1256, 1258, 1261). Veja-se L. Ventura, *A nobreza de corte de Afonso III* (Dissertação de doutoramento), Coimbra, Faculdade de Letras, 1992, p. 664.

⁹ Uma informação similar é apresentada em *LC (43N6)*.

{Lima¹⁰} e de Teresa Bermudes de Trava; portanto, primo em segundo grau do trovador Osório Eanes {Lima - Trava}, já que os avós eram irmãos¹¹. A presença documental de Sancha Fernandes valida a sua realidade histórica, o que nem sempre decorre da literatura linhagística. A esse respeito, a escritura de maior relevo estabelece um acordo entre D.^a Sancha e o mosteiro de Carrizo (Leão) sobre propriedades que duas freiras (já falecidas), Orfresa e Elvira Fernandes, filhas também de Fernando Pais, cederam a essa instituição. De acordo com este instrumento, lavrado em 1275, Sancha Fernandes recebia o património galego, ao passo que o cenóbio ficava com aquele situado nas actuais províncias de Leão, Zamora e Valladolid:

Et nos las partes sobredichas, por aver paz e amor e concordia entre nos, aveniemos nos en desta guisa: que todo el herdamiento que nos pertenecia en Cangas e en Villa Marin e en Tamalancos e en Codeyro e en Villa Chana e en San Esteuan e en sos termenos destos dichos lugares con todas suas derechuras, finque livre e quito por sienpre jamais a vos domna Sancha Fernandez sobredicha e a vuestros herederos ... Otrosi que vos abadessa e vuestro convento sobredichos ayades por sienpre jamais por vuestro livre e quito el heredamiento que nos pertenecia en Villa Garcia e en Villa Ranera e en Sant' Ivanes de la Isla e en Quintaniella e ena Isla e en Garavales e en Uerga e en Matiella e en Oteruello e en Zeziella e en Val de Sandinas e en Bostiello de Rey e en Quintaniella del Paramo e en Azares e en Soviello e en Oudanazes e en Uezuao e en Salas de Bierezo ... e porque vos dona Sancha Fernandez deziedes que nos abadessa e convento sobredicho recibamos e teniemos destos dichos heredamientos mais cosas en que vos aviedes de aver uestra parte delo, damos uos et outorgamos uos que ayades todos los fruchos e las rendas de los vasalos e de las otras cosas que son e pertenecen en Bostiel de Malva e en Tiedra e en Griegos e en Casa Sola e en Cabaneros e en Possa (*Carrizo*, núm. 465)¹².

¹⁰ Referimo-nos aos descendentes de Airas Calvo e de Godinha Oares, fundadores do mosteiro de Bóveda (c. Amoeiro, Ourense). Trata-se de uma linhagem que, na seguinte geração, aparece reiteradamente vinculada aos Trava. Nesse grupo familiar encontramos João e Fernando Airas, filhos do anterior, que foram respectivamente os criadores das linhagens dos Nóvoa e dos Batissela. João Airas de Nóvoa e Urraca Fernandes [← Fernando Peres de Trava] eram pais do trovador Osório Eanes.

¹¹ As mães também estavam aparentadas, já que Teresa Bermudes era prima de Urraca Fernandes, por sua vez, filha de Fernando Peres de Trava (um dos irmãos de Bermudo Peres).

¹² O precedente documental para este diploma é a cessão feita por D.^a Ofresa em 1260: “Yo domna Horfresa Fernandez, monja de Carrizo, de toda mia clara voluntad & nenguno omne costreniendo, do he otorgo a Dios e a Santa Maria et al Monesterio de Carrizo, por mia anima e por anima de mio padre e de mia madre & de mios parientes, toda quanta heredit yo he e aver devo por parte de mio padre e de mia madre. Convien a saber: en Cangas e en Villa Marin e en todos sos terminos; e otrosi en tierra de Astorga, convien a saber: en Villa Garcia e en Villa Ranera e en Sancti Yuanes de la Ysla e en Quintaniella e enna Ysla e en Garavales e en Matiella e en Oteruelo e en Zeziella e en Val de Sandinas e en Bustiello e en Azares e en Soguiello e en

As propriedades citadas remetem para cinco áreas dos três reinos centro-ocidentais:

1. Galiza. Península do Morrazo: Cangas do Morrazo (cfr. *infra*)¹³.
2. Galiza. Minho centro-meridional: Tamalhancos (c. Vila Marim), Cudeiro (c. Ourense), Vila Marim, Cartelos (c. Carvalhedeo), etc¹⁴.
2. Leão. Órbigo Central-Vega-Páramo: Audanzas (c. La Antigua), Azares del Páramo (c. Valdefuente del Páramo), Bustillo del Páramo, Garaballes (c. Soto de la Vega), Huerga (c. Soto de la Vega), Santa María de la Isla (c. La Bañeza), Soguillo del Páramo (c. Laguna Dalga), Valdesandinas (c. Villalaza), Vecilla (c. Soto de la Vega), Villagarcía de la Vega (c. S. Cristóbal de la Polantera), etc;
4. Leão. Bierzo: Salas de los Barrios (c. Ponferrada).
5. Leão e Castela. Sudoeste da Terra de Campos (Valladolid-Zamora): Casasola de Arión, Griegos (c. Tiedra), Malva, Tiedra.

Trata-se de bens fundiários herdados pelas donatárias, Orfresa e Elvira: “el qual heredamiento nos deziemos que auemos de auer de partiya de so padre e de sua madre delas”; isto é, pertenceram anteriormente aos seus progenitores, o que necessariamente envolve a existência de vínculos –até agora não explicados– entre Fernando Pais de Tamalhancos e os diversos territórios não galegos por onde se estendia esse património. O aspecto não tem, ao que parece, levantado o interesse junto dos estudiosos que se ocuparam do trovador, apesar de constituir um aspecto primordial da biografia de Fernando Pais e das filhas, como monjas do mosteiro leonês de Carrizo.

A documentação da segunda metade do séc. XII e primeiras décadas do séc. XIII permite descortinar a existência de três gerações da linhagem caracterizada pelo antropónimo “Varela” à qual pertenceu Fernando Pais Varela –ou de Tamalhancos–¹⁵. O fundador da estirpe, mesmo do ponto de vista onomástico, terá sido o D. Varela (Quadro 2) que documentamos junto das mais altas instâncias do poder entre 1152 e 1178.

Houdanadez, e toda quanto yo he e aver devo en Bustiel de Malva e en Tiedra e en Griegos e en Casasola e en Cabaneiros e en Cuevas e en Celada e en Vegilina e en todos sos terminos” (*Carrizo*, núm. 378). É possível que tenha existido uma doação similar por parte de Elvira Fernandes.

¹³ A relação de Fernando Pais com essa área marítima pode explicar a forma “Marinha” que encontramos com uma significação polivalente –toponímica e antroponímica– no refrão de uma das cantigas: “Se m’ eu da Marinha partir, / non poderei alhur guarir.” Lembremos que Lopo Lias alude a Baguim e Sobral, locais muito próximos de Cangas do Morrazo (veja-se J. A. Souto Cabo, “D. Lopo Lias: entre Orzelhão e Compostela”, *Diacrítica* (no prelo).

¹⁴ Temos constância doutras propriedades nessa área, concretamente em Afonsim (c. Amoeiro), aforadas por Fernando Pais em 1232 (*Celanova*, núm. 42).

¹⁵ Sobre a genealogia do trovador em foco, veja-se o esquema incluído no apêndice a este trabalho.

Quadro 2

- 1152 Toledo (*Afonso VII*, núm. 150¹⁶): “Varela ... confirmat.”
 1156 Valladolid (*OSJoão*, núm. 68¹⁷): “Varela confirmat.”
 1157 ----- (*Toxos Outos*, núm. 32¹⁸): “ego Varela, confirmat.”
 1158 Santiago (*Fernando II*, núm. 9 1158) “Varela Fernandi, confirmat.”
 1160 Zamora (*Fernando II*, núm. 28): “tibi Uarele”.
 1161 Zamora (*Oseira*, núm. 38¹⁹): “domnus Varela” (confirmante).
 1165 Pontevedra (*Fernando II*, núm. 69²⁰): “Varela dominator, confirmat.”
 1170 Tui (*Fiães*, núm. 53, 243, 260²¹): “Uarella cf.”
 1174 Ciudad Rodrigo (*SMarcos*, núm. 43²²): “Varela, confirmat.”.
 1174 Ciudad Rodrigo (*SCarrizo*, núm. 7²³): “Varela cf.”²⁴
 1176 Leão (*CLeão-V*, núm. 1593²⁵): “Domnus Uarella cf.”
 1178 Benavente (*Tombo C*, fól. 184v²⁶): “Uarella in Morrazo cf.”²⁷

A presença dele no diploma datado de 10 de setembro de 1157, um dos mais antigos da Chancelaria de Fernando II²⁸, é muito significativa. Na relação de confirmantes aparece retratada a estrutura

¹⁶ Afonso VII oferece a Guterre Peres uma herdade em Cornedo.

¹⁷ Afonso VII dá à Ordem de S. João de Jerusalém a vila de S. Miguel de Malvalisco (= S. Miguel del Pino, Valladolid).

¹⁸ O Conde Rodrigo Peres de Trava chega a um pacto com o mosteiro de Tojos Outos sobre a vila de Gomariz (c. Leiro, OU).

¹⁹ D.^a Sancha Ponce, filha do conde Pôncio de Cabrera, e os filhos, Garcia, Fernando, Pôncio, Pedro, João e Maria Vêlaz oferecem as herdades de Partóvia e Mouriz (c. Carvalhinho, Ourense), junto com as propriedades eclesíásticas que lhes correspondem nessa mesma zona, ao abade de S. Leonardo de Alba de Tormes (cfr. *infra*).

²⁰ Fernando II dá a Guntadino e à mulher, Maior Soares, uma herdade em Fornelos.

²¹ Doações de particulares ao mosteiro de Fiães (Melgaço).
²² Fernando II dá a Soeiro Rodrigues e à mulher, Maria Peres, membros da Ordem de Santiago, a herdade de Moral nas margens do rio Bernesga, junto da cidade de Leão.

²³ Fernando II outorga carta de isenção de tributos a favor dos vassallos do conde Pôncio de Minerva e da mulher, D.^a Estefânia (cfr. *infra*).

²⁴ Nesse mesmo ano, D. Varela ocorre noutros três diplomas outorgados por Fernando II em Leão (J. González, *Regesta de Fernando II*, Madrid, CSIC-Instituto Jerónimo Zurita, 1943, núms. 436, 437).

²⁵ Fernando II oferece à sé de Leão o mosteiro de S. Paio de Texedo em Argüello.

²⁶ Fernando II cede a M. Martim, mestre-escola da sé de Santiago, a herdade de Sá em Santa Maria de Cela (c. Bueu, Pontevedra), na península do Morrazo.

²⁷ Quanto a um hipotético “Suerius Menendiz Varela” (*Moraimé*, núm. 5 [1165]), o mais provável é que se trate de uma segmentação inexata -por defeito- do que, na verdade, parecem ser duas testemunhas: D. Soeiro Mendes e D. Varela. De facto, no diploma de 1161, em que também ocupam –segundo costuma acontecer– o mesmo lugar relativo, ocorrem como confirmantes diferentes: “Suarius Menendi, domnus Varela”. Soeiro Mendes está bem documentado noutras escrituras do período, sem essa apostila, e poderá ser identificado com Soeiro Mendes Facha, alferes de Fernando II entre 1165 e 1166 (filho de Mendo Rodrigues de Tougues e de Chamoá Gomes). Cfr. J. de Salazar y Acha, *La casa del Rey*, op. cit., 419.

²⁸ Na própria cláusula cronológica ficou registada essa circunstância: “Facta carta sub era ICXLV et quotum idus octobris anno quo Adefonsus clarissimus imperator uiam est ingressus uniuerse et cepit regnare filius eius Fernandus in Legione et Gallécia.”

nobiliárquica do poder na entidade política autónoma galaico-leonesa:

Ego Adefonsus, rex portugalorum, presens fui et confirmo. Ego Comes Petrus in Asturiis, confirmo. Ego comes Ramirus, confirmo. Ego comes Osorius, confirmo. Ego comes Gunzaluus, confirmo. Ego Aluarus Roderici, confirmo. Ego Vela Guterriz, confirmo. Ego Poncius de Minerba, confirmo. Ego Pelagius Curuus, confirmo. Ego Menendus Bregancia, alferez regis, conf. Ego Varela, conf. Ego Osorius Iohannis, conf. Ego Fernandus Oduarii, conf. Ego Petrus Bazacus, conf.²⁹

Essa proximidade relativamente ao monarca reflecte-se na cessão de Cangas do Morrazo a D. Varela por Fernando II, segundo consta na carta de 1160. O dado é a chave para esclarecer a origem daquela propriedade que, pelo acordo com o mosteiro de Carrizo, passará a Sancha Fernandes, filha de Fernando Pais de Tamalhancos:

Ego Fernandus Dei gratia Legionensis rex facio textum et scriptum donationis firmissimum tibi Uarele de illa mea hereditate que uocatur Cangas et est in Morrazo in ripa maris. Dono itaque Uarele illa iam dictam hereditatem uidilicet Cangas totam ad integrum sicut diuiditur cum Sancta Maria de Darauo et cum Auriol et Silvana et cum Intra Ambos Riuos ... pro bono seruicio quod mihi fecisti et facis [...]³⁰.

Por outro lado, graças aos documentos de 1165 e 1178, sabemos que D. Varela exerceu como tenente do Morrazo durante o terceiro quartel do séc. XII. Essa atribuição não ocorre de modo explícito no mais antigo –onde só se consigna “Varela dominator”³¹– mas consta na escritura de 1178, entre cujos signatários encontramos de novo o avô de Fernando Pais:

Velasus comes in Toronio cf. Fernandus Poncii comes in Limia cf. Gundisaluus comes in Asturiis cf. Adefonsus comes in Salamanca et Ciuitate cf. Gundisalus Osorii regis maiordomus cf. Fernandus Guterriz regis signifer cf. Fernandus Roderici de Benevento cf.

²⁹ Como vemos, neste agregado, encontramos familiares de alguns dos mais vetustos trovadores galego-portugueses: Vela Guterres, pai de João Vélaz; Paio Curvo, avô da mulher de Garcia Mendes de Eixo; Fernando Oares (cfr. *infra*), tio-avô de Osório Eanes; Pedro Bazaco, avô de Pedro Pais Bazaco; Mendo (Mendes) de Bragança, tio de João Soares de Paiva e, como veremos, D. Varela, avô de Fernando Pais de Tamalhancos (cfr. *infra*).

³⁰ No actual concelho pontevedrés de Cangas localizamos o lugar e freguesia de Darvo (“Daravo”) e, nessa mesma, o de Ourelo (“Auriol”). O documento é reproduzido, em apêndice, no fim deste trabalho.

³¹ O facto de o escrito ter sido redigido em Pontevedra supõe, implicitamente, que D. Varela dominava a jurisdição em que se integra essa cidade.

Varela in Morrazo cf. Nuno Pelagii cf. Pelagius Tabladellus cf. Petrus Pelagii cf.

No primeiro diploma da série, outorgado por Afonso VII em 1152, D. Varela, integrado na primeira sequência de confirmantes (iniciada pelo príncipe Sancho), “parece” ser nomeado como irmão de Nuno Peres (de Lara), alferes do imperador, que o antecede nesse registo:

Rex Sancius filius imperatoris, confirmat. Comes Almanricus tenens Baecia, confirmat. Comes Poncius maiordomus imperatoris, confirmat. Nunus Fernandit Gallecie, confirmat. Nunus Petri alferit imperatoris, confirmat. Varela, frater eius, confirmat.

[Signo]

Rex Fernandus filius imperatoris, confirmat. Comes Fernandit Gallecie, confirmat. Gundisaluus Fernandit, confirmat. Pelagius Curuus, confirmat. Osorius Iohannis, confirmat. Petrus Pelaiz probre, confirmat.

No excerto documental reproduzido, também ocorre o conde Manrique (“Almanricus”) Peres de Lara, irmão de Nuno Peres [1141-1177], outro dos filhos de Pedro Gonçalves de Lara³². De acordo com esse dado, D. Varela estaria relacionado com a linhagem dos Lara, considerada por Moxó (1969: 33) como “la familia principal del Reino” durante o século XII e inícios do séc. XIII³³. No entanto, a existência daquele vínculo familiar entre D. Varela e Nuno Peres enfrenta algumas dificuldades³⁴. Com efeito, a escritura de 1158 (cf. *supra*) evidencia que o apelido de D. Varela era “Fernandes” e não

³² Um dos aspectos mais salientáveis da biografia de Pedro Gonçalves é o seu concubinato com a rainha Urraca, filha de Afonso VI. Essa relação favoreceu-o politicamente mas, ao mesmo tempo, atçou a discórdia contra ele numa parte da nobreza chefiada pela família dos Castro, vindo a desencadear um conflito entre as duas estirpes, que se constituirá numa das principais questões da política castelhana do séc. XII. A união de Pedro Gonçalves com a rainha Urraca resultou em vários filhos, dos quais se conhecem os nomes de Fernando –designado como “Furtado”– e Elvira Peres. Esta última casou com Garcia Peres de Trava [β Pedro Froilaz].

³³ S. Moxó “De la nobleza vieja a la nobleza nueva: la transformación nobiliaria castellana en la baja Edad Media”, em *Cuadernos de Historia*, 3 (1969), p. 33. Relativamente aos Lara, veja-se, entre outros, o estudo monográfico de S. Doubleday, *Los Lara. Nobleza y monarquía en la España medieval*. Madrid, Turner, 2004. Este grupo familiar, sedado de modo preferente em Castela, também exerceu um grande influxo político nos reinos mais ocidentais, a que não foi alheio o estabelecimento de alianças matrimoniais estratégicas com os Trava. O próprio Nuno Peres casou com a galega Teresa Fernandes [β Fernando Peres de Trava & Teresa de Portugal] com quem teve Álvaro, Fernando, Gonçalo, Leonor, Sancha e Teresa Nunes, criados como filhos adoptivos do rei galaico-leonês na sequência do segundo matrimónio da mãe, Teresa Fernandes, com Fernando II. Um deles, o conde Gonçalo Nunes [1170-1225], desenvolveu a actividade política nos reinos de Galiza e Leão; foi alferes régio e conseguiu um importante quinhão no sistema de tenências.

³⁴ Gonçalo Nunes e D. Varela mantiveram outro tipo de laços de parentesco pela conexão de ambos com os Trava (cfr. *infra*).

Peres (cfr. *supra*), o que se coaduna com a informação da *Chronica Gothorum*³⁵, onde se cita um Varela [Fernandes], filho de Fernando Eanes e irmão de Paio [Fernandes] Curvo, que foi capturado pelas tropas lusitanas em Valdevez (ca. 1137):

Per idem tempus imperator D. Alfonsus filius comitis Raimundi et regine done Orrace filie imperatoris magni D. Alfonsi, coadunato omni suo exercitu de Castella et de Galletia, voluit intrare regnum Portugallie, et venerunt usque ad locum qui dicitur Valdevez, sed rex de Portugal D. Alfonsus occurrit ei cum exercitu suo, et obsedit iter per quod ille venire volebat, fixitque tentoria sua, isti ex hac parte, et illi ex altera parte, cumque veniret aliquis ex parte imperatoris ad Ludendum, quod populares dicunt Bufurdium, statim egrediebantur ex parte regis Portugalis occurrentes eis, et Ludentes cum eis, qui in exercitu comprehenderunt Fernandum Furtado fratrem imperatoris, et consulem Pontium de Cabreira, et Veremundum Petri, et Varella filium Fernando Iohannis germanum de Pelagio Curvo, et Rodericum Fernandum patrem de Fernando Roderici, et Martinum Kabra consobrinum consulis D. Pontii, et alios multos qui cum eis venerant³⁶.

Por sua vez, estes dados e a informação transmitida por Argote de Molina convergem na consideração de(sse) Fernando Eanes como bisavô de Fernando Pais de Tamalhancos. Não sendo credível que tenham existido dois indivíduos de biografias semelhantes e com nome tão singular que dispensava o uso do patronímico, a primeira alternativa é supormos a presença de um erro material no diploma de 1152, que levou a integrar a sequência “D. Varela, frater eius” num local relativo que não lhe correspondia. Para melhor perceber essa hipotética falta devemos levar em consideração que a lista de signatários poderá integrar dois irmãos de D. Varela Fernandes: Paio [Fernandes] Curvo e Nuno Fernandes [1142-1164]—situado na linha 4 (antes de Nuno Peres de Lara)—. Este último ocorre em diversas escrituras de Afonso VII e de Fernando II amiúde associado a Paio Curvo e a D. Varela, contiguidade que sugere a existência de uma relação directa de parentesco entre eles³⁷. Ora, se a apostila “frater

³⁵ Agradecemos a indicação de António R. de Oliveira a respeito da ocorrência de D. Varela nessa *Crónica*.

³⁶ Utilizamos a edição dos *Portugaliae Monumenta Historica* (vol. I, p. 13) publicada pela Academia das Ciências de Lisboa. Também devemos considerar Rodrigo Fernandes como irmão de D. Varela.

³⁷ “Pelagius Curuus, confirmat. Munius Ferrandi, confirmat” (*Afonso VII*, núm. 95 [1142]), “Nuno Fernandi, confirmat. Uarela Fernandi, confirma.” (*Fernando II*, núm. 10 [1158]), “Pelagius Curuus, confirmat. Nuno Fernandi, confirmat” (*Fernando II*, núm. 16 [1159]), “Pelagius Curuus, confirmat. Nuno Fernandi, confirmat” (*Fernando II*, núm. 25 [1159]), “Pelagius Curvus, cf., Nuno Fernandi, cf.” (E. Portela Silva, *La colonización cisterciense en Galicia (1142-1250)*, Santiago, Universidade de Santiago, 1981, p. 160), etc. É possível que este Nuno Fernandes tenha sido tenente em Toronho, de acordo com um documento de Melom: “Nuno

eius” é realmente referida a Nuno Fernandes, temos de pensar que o escriba trocou, por proximidade onomástica, as posições que deviam corresponder a Nuno Fernandes e Nuno Peres (de Lara) (l. 5), dessa forma o nome deste último, interpondo-se entre os dois irmãos, impediu que Nuno Fernandes (l. 4) e D. Varela [Fernandes] (l. 6) pudessem ocupar lugares imediatos na mesma série vertical. Se optarmos por uma leitura em horizontal das duas colunas –visto que distribuição dos confirmantes em duas séries não discrimina estatuto social–, o engano terá consistido simplesmente na arrumação imperfeita (um lugar abaixo) de D. Varela (l. 6 por l. 5) a respeito do irmão Paio Curvo (l. 4)³⁸.

Por outro lado, a pertença de D. Varela à linhagem desse último concorda com o facto de lhe ter sido confiada a governança do Morrazo no sudoeste galego, área a que esse grupo familiar aparece vinculado de modo recorrente (cfr. *infra*). O mais antigo registo diplomático de Fernando Eanes [1112-1157], progenitor de D. Varela, apresenta-o a confirmar um acto documental pelo qual a rainha Urraca entregava a particulares diversas propriedades no Morrazo próximas de Marim em 1112³⁹. Como costuma acontecer, essa comparação terá possivelmente a ver com o seu relevo social nesse espaço, de facto chegou a ser tenente do castelo de S. Paio de Lodo (= Ponte Sam Paio, c. Souto Maior), situado nessa mesma zona.

Fernando Eanes, filho de João Ramires [1097] (representante de D. Raimundo de Borgonha em Toronho), desenvolveu uma muito importante actividade na corte da rainha Urraca e de Afonso VII⁴⁰.

Fernandi tenens terram ipsam” (*Fernando II*, núm. 37 [1161]). Num passo dos *Livros de Linhagens*, encontramos esse Nuno Fernandes e um Rodrigo Fernandes “de Toronho” que supomos, portanto, irmãos de D. Varela Fernandes: “Don Guter Rodriguez, seu padre, jouve preso em terra dos Mouros quorenta annos, e depois veerom-se pera Galiza, donde era natural, da parte da madre, e pelejou com dom Nuno Fernandez e com dom Rodrigo Fernandez de Toronho, e vence-os e prende-os e tomoulhes Oycellhon [Orzelhom] e Toronho por terra” (*LD* 11F8). O topónimo “Toronho” foi atribuído aos membros deste grupo familiar a partir de Paio Curvo (cfr. *infra*). Note-se, ainda, a presença da estirpe nas terras de Orzelhão. Veja-se C. Pérez Varela, “Dona Guiomar Afonso e Dona Elvira “A Toronha”, em A. Figueroa e J. Lago, *Estudios en homenaxe ás profesoras Françoise Jourdan Pons e Isolina Sánchez Regueira*, Santiago, Universidade de Santiago, 1995.

³⁸Uma outra hipótese seria considerar que D. Varela e Nuno Peres de Lara foram irmãos uterinos. Nestes caso, teríamos de pensar que Eva, a mãe do Lara, pôde casar (em terceiras núpcias?) com Fernando Eanes de Montoro, o que nos parece improvável. De facto, ela permanecia com os filhos na área de Burgos em 1147 (*Fueros*, núm. 22).

³⁹“Ego Urraca ... vobis Didacus Arias et uxori vestre Urracae Sabinadiz facio chartam donationis de illas hereditates quas habeo in terra de Morrazu, vidilicet Marin, com omnes adiunctiones suas per ubicumque eas invenire potueritis” (*Oseira*, núm. 10).

⁴⁰Relativamente a esta personagem, seguimos, em parte, o trabalho de M. Fernández Rodríguez, *Toronium. Aproximación a la historia de una tierra medieval. Cuadernos de Estudios Gallegos. Anexo XXXI*, Santiago, CSIC-Instituto de Estudios Gallegos “Padre Sarmiento”, 2004. Os *Livros de Linhagens* oferecem informação sobre os seus antecedentes (*LC* 22A4): “E este conde don Goiçoi foi o que matou Frade Balderique, visavoo de dom Fernam Anes de Montor e trasavoo de dom Paai Calvo de Toronho, filho deste dom Fernam Anes de Montor, ca deste Balderique saio Ramiro Frade, e de Ramiro Frade saio dom Joham Ramirez, padre de dom Fernam Anes de Montor.”

Ele participou, junto do rei, em diversas campanhas militares contra os árabes que lhe valeram a tenência de Montoro (1149-1154), vila cordovesa pela qual ficou conhecido⁴¹. As suas proezas foram louvadas no “Poema de Almeria”, que o representa seguido por gentes da antiga terra da Lima, distrito que ele próprio governou (cfr. *infra*):

Iungitur his cunctis Fredinandus et ipse Iohannis,
 militia clarus, bello numquam superatus.
 Rex Portugali metuebat eo superari,
 campo fulgentem cum uidi bella gerentem;
 nam quo uertebat uultum uel quo ueniebat,
 cunctos terrebat, cunctos simul ense premebat.
 [...]
 Adfuit ast largo bello generosa propago,
 et natos multos peperit sibi iuncta uirago,
 qui bene patrissant Agarenos enseque truncant.
 Securus tales pater est qui commouet enses.
 Hunc bello mota sequebatur Limia tota.⁴²

Também o encontramos (1125), ocasionalmente, na corte da rainha Teresa de Portugal ao lado do sogro, o conde D. Gomes Nunes de Celanova [1094-1141]⁴³. Relativamente à implantação territorial, além da presença no Morrazo, ele governou os distritos de Toronho (co-tenente com Gomes Nunes) e o da Lima⁴⁴ (castelo de Alhariz), tendo-se destacado na defesa desses territórios face às pretensões de Afonso Henriques. Como vimos, Afonso VII deu-lhe Vila Marim e Tamalhancos, no antigo distrito ourensano de Búval, área em que se terá fixado o ramo familiar conhecido por aquele último (antro) topónimo.

Fernando Eanes, o pai de D. Varela, foi genro do conde Gomes Nunes de Celanova pelo seu casamento com Urraca Gomes⁴⁵, filha do

⁴¹ É interessante notar que, face ao que costumava acontecer, a tenência de Montoro não passou de Fernando Eanes ao filho, Paio Curvo (cfr. *infra*), mas a Nuno Peres de Lara (S. Barton, *The aristocracy in twelfth-century Leon and Castile*, Cambridge, Cambridge University Press, 1997, p. 108). Devemos ter em conta, contudo, que Nuno Peres recebeu essa tenência em dezembro de 1154, pouco tempo após ter desposado Teresa Fernandes de Trava, neta de Pedro Froiaz de Trava, aio de Afonso VII. Fernando Eanes de Montoro, pelo seu casamento com Urraca Gomes, filha de Elvira Peres de Trava, estava aparentado por afinidade com Nuno Peres de Lara (cfr. *infra*).

⁴² J. Gil, “Carmen de expugnatione Almariae vrbis”, em *Habis*, 5 (1974), p. 57, vv. 199-204, 209-213.

⁴³ Sobre o conde Gomes Nunes, veja-se C. J. Bishko, “The Cluniac Priors of Galicia and Portugal: Their Acquisition and Administration, 1075-ca. 1239”, em *Studia Monastica*, 7 (1965), pp. 327-331 e S. Barton, *The aristocracy*, *op. cit.*, p. 257. A sua estirpe recebeu os apelidos linhagísticos de “Celanova”, “Pombeiro” ou “Barbosa”.

⁴⁴ Aparece nomeado como “princeps” ou “dux” desse distrito.

⁴⁵ Trata-se de uma informação dos *Livros de Linhagens* (“E o dito conde dom Gomez Nuniz de Pombeiro foi casado com Elvira Pirez, filha do conde dom Pedro de Trava, e fez em ela quatro filhas ... e outra dona Orraca Gomez ... Esta dona Orraca Gomez foi casada com dom

anterior e de Elvira Peres de Trava (← Pedro Froiaz & Maior Rodrigues). Paio Curvo de Toronho [1128-1173] terá sido o filho mais célebre de Fernando Eanes⁴⁶. Seguindo o exemplo do pai, D. Paio atingiu um notável protagonismo no ambiente curial do arcebispo Gelmires e dos reis Afonso VII, Fernando II e Afonso Henriques. O relacionamento com a corte portuguesa evidencia uma atitude política muito pragmática em quem foi governador de Toronho, distrito fronteiriço que formou parte de Portugal entre 1161 e 1169. Ele também exerceu o domínio sobre a fortaleza de S. Paio de Lodo, acima citada, e sobre a de Santa Maria da Lanzada no Salnês, onde contou com propriedades (*Toxos Outos*, núm. 452) e diversos benefícios eclesiásticos⁴⁷. Os seus vínculos com Gelmires, de quem foi meirinho, não se limitaram à esfera política; chegou a casar em primeiras núpcias com Toda Moniz, uma sobrinha do arcebispo (“maiorinum suae curiae, sua neptem pro coniuge habentem, Pelagium Curvum nomine”, *HC*, III, 18)⁴⁸.

Foram filhos de Paio Curvo: Gonçalo, Sancha e Maria Pais. Seguindo os *Livros de Linhagens*, o trovador Pedro Rodrigues da Palmeira morreu de amores (poéticos?) por esta Maria Pais: “Este dom Gonçalo Gonçalves [da Palmeira] foi casado com dona Maria Paaez, a por que morreu d’amor Pero Rodriguez de Palmeira ... E esta dona Maria Paaez, suso dita, foi filha de dom Pai Curvo de Toronho, em Galiza” (*LC 37E4*)⁴⁹. Lembremos, neste ponto, que Gonçalo Pais Curvo foi pai de Elvira Gonçalves de Toronho, a mulher do trovador Garcia Mendes de Eixo e, portanto, avô dos trovadores Gonçalo Garcia e Fernando Garcia de Esgaravunha, filhos de D. Garcia⁵⁰. Do anterior segue-se que Fernando Pais de Tamalhancos manteve relações de parentesco com esses três poetas de vários pontos de vista, já que Garcia Mendes de Eixo era descendente, por via materna, de Rodrigo Peres de Trava (cfr. *infra*).

Fernand’ Eannes de Montor” *LC 37A2*). Urraca Gomes foi irmã de Chamoá Gomes, concubina de Afonso Henriques com quem teve Afonso de Portugal. S. Barton (*The aristocracy, op. cit.*) não inclui Urraca entre os filhos de Gomes Nunes.

⁴⁶ A filiação de Paio Curvo relativamente a Fernando Eanes de Montoro está amplamente atestada (*Afonso VII*, núms. 104, 105: “Fernandus Iohannis de Galecia, confirmat. Pelagius Curvus filius eius”).

⁴⁷ Essas propriedades eclesiásticas foram cedidas no seu testamento à Igreja compostelana: “Et mandavit cuntas ecclesias quantas habebat in Terra de Salnes et de Moracio Sancto Iacobo et quiniones ecclesiarum” (*GSJoão*, núm. 14).

⁴⁸ O nome da mulher ocorre no testamento de Diogo Moniz, irmão de D.^a Toda (*Toxos Outos*, núm. 322: “germana mea domna Tuda ... et uir eius Pelagius Curvus” [1151]) e numa manda do próprio Paio Curvo (*Toxos Outos*, núm. 377). Em segundas núpcias casou com uma Maria Garcia (*Fernando II*, núm. 9; *GSJoão*, núm. 14).

⁴⁹ Veja-se J. C. Ribeiro Miranda, *Aurs mesclatz ab argen. Sobre a primeira geração de trovadores galego-portugueses*, Porto, Edições Guarecer, 2004, pp. 47-48.

⁵⁰ C. Pérez Varela (“Dona Guiomar Afonso, art. cit., pp. 495-504) considera que o (hipotético) resultado “Torona” presente no primeiro verso da única cantiga de Garcia Mendes é utilizado para nomear Elvira Gonçalves.

Entre os filhos de Garcia Mendes de Eixo também se encontra Maria Garcia que foi mulher/barregã do trovador Gil Sanches, o que permite “enquadrar a precocidade dos seus dotes de compositor” (A. R. de Oliveira, *Depois do espectáculo, op. cit.*, p. 352).

Relativamente a estes antecedentes familiares, interessa sublinhar, em primeiro lugar, a integração de Fernando Pais de Tamalhancos na linhagem dos Trava através de Elvira Peres, bisavó do poeta. Esse dado genealógico, desconhecido até agora, pode explicar o conteúdo das três cantigas satíricas dirigidas a uma *coirmã* do trovador que ocupava o cargo de abadessa no mosteiro de S. Cristóvão de Dormeá (c. Boimorto):

Quand' eu passei per Dormãa
 perguntei por mia coirmã
 a salva e pa[a]çãa.
 Disseron: Non é aqui essa,
 alhur buscade vós essa;
 mais é aqui a abadessa.
 (vv. 1-6)

O cenóbio fora fundado em 1152 por Lupa Peres de Trava (β Pedro Froiaz) e os filhos segundo refere um diploma custodiado no Arquivo do Reino da Galiza⁵¹:

Post mortem uero ipsius [--] comitissa cum filiis et filiabus suis in presentia bonorum uirorum et nobilium... super hoc [--] et concedentibus filliis et filiabus suis Petrus Moniz, Fernandus Moniz, Giloyra Moniz, Tarasia Moniz, uallem de Dormeana cum ecclesiis et hereditatibus laicalibus que intus sunt et omni directura sua et uoce ad edificandum monasterium. Vnde ego comitissa domna Lupa, domni ..., cuncta uolens implere tantum uotum promissum, elegi prefatam vallem consilio et precepto ipsorum filiorum meorum et filiarum meorum, in qua edificio cenobium ad honorem Dei ... fidelibus uenerantur, loco certo ubi nunc est ecclesia sancti Chistofori in qua cenobium contruimus ego comitissa cum uiro meo ... domno Munione ... ut sanctimoniales femine sub regula sancti Benedicti religiose conuersentur .

A abadessa, cujo nome desconhecemos, foi muito provavelmente descendente da fundadora, Lupa Peres, de acordo com o que era prática habitual na altura⁵². Ora, tendo sido D.^a Lupa irmã de Elvira Peres (bisavó de Fernando Pais de Tamalhancos), podemos identificar facilmente o motivo pelo qual o poeta considera essa religiosa como

⁵¹ Reproduzimos de acordo com o exemplar conservado no Arquivo do Reino da Galiza (Corunha), Série de pergaminhos, núm. 58. O documento foi editado em *Dormeá* (núm. 2).

⁵² A igreja, parcialmente alterada, é o único elemento que se conserva do antigo cenóbio situado a 10 km do mosteiro de Sobrado, perto do Caminho de Santiago. Trata-se de um edifício de dimensões reduzidas e ornamentação rudimentar concentrada na cachorrada do muro norte. Por sua vez, no muro meridional abre-se uma porta românica muito simples que dava acesso ao estabelecimento conventual.

a sua coirmã⁵³. Lembremos que o latim *cogermanus*, bem como os seus descendentes românicos medievais, possuía um sentido muito genérico, podendo ser utilizado para diversos tipos de parentesco, nomeadamente primos em qualquer grau⁵⁴.

Além daquilo que tange aos Trava, não podemos deixar de apontar a existência doutros vínculos familiares. Lembremos que um irmão de Gomes Nunes de Celanova, Fernando Nunes, foi pai de Fruílhe Fernandes, avó de Rui Dias dos Cameros (Salazar Acha 1984: 76). Gomes Nunes também terá sido, provavelmente, irmão (ou primo) de Sancha Nunes, avó do trovador João Vélaz. Por outro lado, existem alguns elementos para pensar que Airas Calvo (avô do poeta Osório Eanes) foi filho de Urraca Gomes, filha de Gomes Nunes, e de Fernando Eanes de Montoro⁵⁵. Notemos, finalmente, a ligação de Paio Curvo, irmão de D. Varela, à estirpe do primeiro arcebispo compostelano, à qual também pertenceu o poeta Airas Fernandes Carpancho⁵⁶.

2. ENTRE VARELA(S) E TAMALHANCOS

Definida a linhagem de Fernando Pais de Tamalhancos, enquanto neto de D. Varela [Fernandes], viremos de novo a nossa atenção para o tronco genealógico particular em que ele próprio se integra com o intuito de, em primeiro lugar, precisar a adscrição geográfica e institucional desse ramo familiar. As informações que retiramos das escrituras acima colecionadas e das correspondentes aos prováveis filhos de D. Varela (Quadro 3) confirmam que, além do seu relacionamento com a Galiza, a segunda geração desta estirpe surge vinculada a território leonês. O facto não surpreende, antes pelo contrário, condiz com a localização de uma parte das propriedades do próprio Fernando Pais de Tamalhancos. Dele também se retira que D. Varela

⁵³ A transcrição errada “Dorniaa”, no lugar do correcto “Torinaa”, introduzida por A. Cotarelo Valledor (“Los hermanos Eans Mariño, poetas gallegos del siglo XIII”, em *Boletín de la Real Academia Española*, 20 (1933), pp. 5-32.) no testamento do cônego Osório Eanes Marinho (identificado erradamente com o trovador Osório Eanes) levou a relacionar este último com Fernando Pais de Tamalhancos: “Pelas referências que na sua obra se fazem a Dormã –terra mencionada no testamento de Osoir’ Anes Marinho– ... a ligação de Tamalhancos ao nosso trovador galego parece inevitável” (J. C. Miranda, *Aurs mesclatz, op. cit.*, p. 123). No entanto, a leitura correcta remete para Tourinhám (c. Muxia), área em que os Marinhos concentravam parte do seu património.

⁵⁴ Fernando Pais de Tamalhancos também esteve aparentado com os Trava pelo casamento com Teresa Lopes de Ulhoa, neta de Teresa Bermudes de Trava, o que também pôde dar ocasião ao uso de “coirmã” para se referir à abadessa. Notemos ainda que Teresa Moniz, uma filha de Lupa Peres, esteve casada com Fernando Oares (cfr. *infra*).

⁵⁵ Pelo seu carácter hipotético, essa possibilidade não é desenvolvida neste trabalho. Notemos, contudo, as importantes repercussões literárias da mesma, ao relacionar familiarmente, de modo directo, Fernando Pais de Tamalhancos com os trovadores Osório Eanes e Airas Oares.

⁵⁶ Veja-se J. A. Souto Cabo - Y. F. Vieira, “Para um novo enquadramento histórico-literário de Airas Fernandes, dito «Carpancho»”, em *Revista de Literatura Medieval*, XVI/1 (2003), pp. 221-277. Trata-se de um exemplo que demonstra a existência de nexos entre a cidade de Santiago, concretamente o espaço social da Sé compostelana, e o lirismo galego-português.

transferiu a residência para o reino vizinho, vindo a estabelecer nele o seu grupo familiar por motivos políticos ou patrimoniais.

Quadro 3

1195 Abelgas-LE (<i>CLeão-VI</i> , núm. 1721 ⁵⁷): “Garssias Uarella” (testemunha) ⁵⁸ .
1195 [Ledesma-SA] (<i>SMarcos</i> , núm. 142): “Pelagius Varela, conf.”
1197 Leão (<i>CLeão-VI</i> núm. 1734 ⁵⁹): “Isti fuerunt presentes: ... Garssias Uarella”
1200 [Leão] (<i>CLeão-VI</i> , núm. 1756 ⁶⁰): “Garsias Varela conf.”
ca. 1217 [Leão] (<i>CLeão-VI</i> , núm. 1860 ⁶¹): “Garsias Uarella conf.”
1218 [Leão] (<i>CLeão-VI</i> , núm. 1873 ⁶²): “Garsia Uarella conf.”
1224 Letrão (<i>CLeão-VI</i> , núm. 1919 ⁶³): “Alfonso Uarella” (beneficiário).
1224 Leão (<i>SMarcos</i> , núm. 291): “Garsia Uarella, iudex”.

Afonso e Garcia Varela aparecem relacionados com as autoridades eclesiásticas da sé de Leão. Afonso foi clérigo nessa instituição, de acordo com o conteúdo de uma escritura de 1224, pela qual recebia parte de uma prebenda eclesiástica na igreja de S. Marcelo da capital. Garcia ocorre como testemunha em documentos relativos a transacções de interesse para o bispo, talvez na qualidade de juiz, cargo que lhe é atribuído explicitamente em 1224⁶⁴.

Na atestação mais recuada que dele conhecemos, Paio (Moniz) Varela⁶⁵ (o pai de Fernando Pais de Tamalhancos) confirma a entrega à Ordem de Santiago de uma herdade de Lavadina (Salamanca), por parte de Rodrigo Abril, em 1195⁶⁶. A comparência de Paio Varela em

⁵⁷ Composição entre Manrique, bispo de Leão, e Rodrigo Pais e Gonçalo Pais sobre a posse de casas e herdades em Abelgas de Luna.

⁵⁸ O documento inclui testemunhas agrupadas de acordo com duas procedências: “de Luna” e “de Legione”. Garsia Varela integra o segundo conjunto.

⁵⁹ Gonçalo Fernandes restituiu diversas herdades a Manrique, bispo de Leão.

⁶⁰ Gonçalo Peres vende a D. Manrique, bispo de Leão, as casas que possui em Leão por herança dos seus avós, o conde Pôncio de Minerva e a condessa D.^a Estefânia.

⁶¹ Queixa apresentada por Estêvão Guilherme e outros ao bispo Rodrigo de Leão. Garcia Varela ocorre como a primeira das testemunhas “qui presentes fuerunt in domum episcopi.”

⁶² Miguel Castellanus vende a Pedro Guilherme o que possuem em Vega de Infanzones (Leão).

⁶³ O cardeal Paio Albanense, legado de Honório III na reforma do cabido da catedral de Leão, distribuiu os benefícios eclesiásticos entre os membros dessa instituição. Afonso Varela ocorre na qualidade de membro do cabido da sé de Leão.

⁶⁴ A ligação familiar dos anteriores à estirpe de Fernando Pais de Tamalhancos não parece totalmente segura.

⁶⁵ Lembremos que Pai Soares de Taveirôs alude à filha de um Paio Moniz que foi identificado com Paio Moniz de Rodeiro (A. R. de Oliveira, *Depois do espectáculo, op. cit.*, p. 402; G. Vallín “Filha de don Paay Moniz” de Rodeiro?, em *Medioevo y Literatura. Actas del V Congreso de la Asociación Hispánica de Literatura Medieval (Granada, 27 de setiembre - 1 octubre 1993)*, Granada, Universidad de Granada, 1995, vol. IV, pp. 431-437; J. A. Souto Cabo - Y. F. Vieira, “Para um novo enquadramento...” art. cit., pp. 233-234).

⁶⁶ Referimo-nos apenas às ocorrências em que figura com o sobrenome “Varela”. H. Mon-

lugar destacado afigura-se como sinal de associação à milícia santiaguista; de facto, poderia estar a agir como representante dela.

Entre os filhos de Paio Varela, além de Fernando Pais Varela (de Tamalhancos), achamos um Miguel Pais Varela que confirma diversas escrituras em Santiago de Compostela entre 1230 e 1237 (Quadro 4). Assim, podemos relacionar este (provável) irmão do trovador com esse centro urbano, âmbito ao qual o ramo dos Varela aparece ligado em tempos posteriores⁶⁷. O mais moderno desses escritos apresenta-o como clérigo, o que poderia indicar que no último lanço da vida ingressou no estamento correspondente da Sé compostelana⁶⁸. A documentação ursariense evidencia a existência de uma filha, Maria Pais, casada com um João Martins de Ribadávila, “genro de Pelagio Varela” (*Oseira*, núm. 236, 237)⁶⁹.

Quadro 4

- 1214 Villalobos-LE (*Sahagún*, núm. 1595): “Fernandus filius Pelagii Uarela cf.”
- 1221 Ribadávila (*Tombo C*, fol. 133v): “Johannes Martini genus Pelagius Uarele cf.”
- 1230 Santiago (*Tombo C*, fól. 132v): “Michael Pelaez Uarela cf.”
- 1237 Santiago (*Tombo C*., fól. 244r⁷⁰): “Michael Pelagii Varela, conf.”
- 1241 Santiago (*Tombo C*, fól. 214r): “Michael Varella clericus” (testemunha)⁷¹.

teagudo (*Letras primeiras*, *op. cit.*, p. 510) identifica-o também com a personagem homónima que encontramos em documentos de Fernando II e Afonso IX em 1186 (*Fernando II*, núm. 230): “Pelagius Muniz confirmat”, Astorga; 1190 (*Afonso IX*, núm. 37): “Pelagius Muniz, tenens Soberosus et Morgadans”, Ourense e 1193 (*Afonso IX*, núm. 62): “Pelagius Munionis tenente aliam medietatem de Ordialibus”, Tui. Sobroso e Morgadans são localidades do sudoeste galego, no antigo distrito de Toronho. Quanto a Ordiales, desconhecemos se se trata de um topónimo galego ou se designa um território de realengo, na região leonesa do Páramo, citado num documento de Fernando II (“Fernando II da a Fernando Gutiérrez el realengo de Ordiales con sus términos de Ribera de Órbigo, Santa Maria del Páramo”, J. González, *Regesta de Fernando II*, Madrid, CSIC - Instituto Jerónimo Zurita, 1943, p. 429).

⁶⁷“Los Varelas es buena casta de hidalgos en Galizia ay dellos en Castilla, buenos cavallos que llaman Varillas trocado el vocablo gallego. Tienen su solar cerca de la ciudad de Santiago. Traen por armas cinco barras verdes en campo colorado”, B. S. de Molina, *Descripción del reyno de Galizia*, Mondonhedeo, Agustín de Paz, 1550, fól. 55r.

⁶⁸A documentação menciona um Martim Miguéis Varela que pode ser considerado filho do anterior (cfr. *infra*). Duas escrituras do núcleo documental de Osseira registam a presença de um João Mendes “genro de Pelagio Varela” em 1223 (*Oseira*, núms. 236 e 237, reconstituído como “Iohannes [P]el[agii]” por “Iohannes Melendi”).

⁶⁹Veja-se H. Monteagudo, *Letras primeiras*, *op. cit.*, p. 402, núm. 19.

⁷⁰Maria Peres, dita Pastor, vende a João Peres, dito Galego, o que possui na vila de Oroso, em S. Miguel da Gándara (c. Oroso).

⁷¹Além dos citados, registamos outros indivíduos caracterizados por esse antropónimo cuja relação com Fernando Pais é difícil de estabelecer: “Martin Varella [confirma]” (Santiago - 1225, *Tombo C*, 200v), “Petrus Iohannis Varela [testemunha]” (Santiago - 1238, *Tombo C*, fól. 247v), “Petrus Varella [leva herdade de Sebastião Airas em Padrom]” (Santiago - 1241, *Tombo C*, fól. 28v); “Martinus Michaelis dictus Varela [testemunha]” (Santiago - 1252, *Tombo C*, fól. 224v).

O escrito de 1214 oferece dados essenciais sobre os vínculos sociopolíticos e familiares de Fernando Pais, permitindo-nos visualizar o relevo público alcançado por ele após a batalha das Navas de Tolosa.

Facta carta in Villalobos, era M^a CC^a LII^a, nono kalendas augusti. Regnante rege Aldefonso, qui deucit Almiramomeninum in Nauas de Tolosa, cum uxore sua Elionor et cum filio suo Anrico, in Toleto et in Castella. Regnante, etiam, rege Aldefonso, cum uxore sua Berengaria et cum filio suo Fernando, in Legione et in Gallecia. Roderico Toletane sedis archiepiscopo, Petro Munionis Compostellane sedis archiepiscopo. Alferez regis Castelle Aluaro Nuni. Alferez regis Legionis Sancho Fernandi. Qui uiderunt et audierunt: Arnaldus abbas de Spina conf. Petrus Roderici abbas Sancti Claudi conf. Aluarus Nuni conf. Fernandus Gonzalui de Villalobos conf. Ramirus filius comitis Froile conf. Fernandus filius Pelagii Uarela conf. Garsias Uermudez de Castellanos conf. Rodericus Garsie magister de Calatraua conf. Rodericus Didaci quondam magister de Calatraua conf. Martinus Fernandi frater de Calatraua conf. Iulianus frater de Calatraua conf. Fernandus Dominici frater de Calatraua conf. Gonzaluus Martini frater de Calatraua conf. Frater Xemenus Sancti Petri de Gomiel conf.

Em primeiro lugar, devemos apontar que se trata de uma doação a favor do mosteiro de Sahagún de que é titular o magnate Rodrigo Peres de Villalobos, “uno de los personajes de mayor interés en el tránsito del siglo XII al XIII, extraordinariamente relevante en la historia política de las dos coronas de Castilla y León”⁷². D. Rodrigo foi alferes (1210-1211) e tenente de Afonso IX, mas também contou com a confiança do rei castelhano, o que terá favorecido a sua comparação nos tratados estabelecidos entre este último e o rei galaico-leonês. Sabemos da sua participação na batalha das Navas de Tolosa, circunstância cuja lembrança se reflecte na datação sincrónica.

Essa ocasião bélica não é o único elemento que aproxima Rodrigo Peres de Villalobos de Fernando Pais Varela. D. Rodrigo pertenceu por via paterna aos Lima, enquanto filho de Pedro Airas, prole de Airas Calvo⁷³. Trata-se de uma estirpe, resultado da junção dos Airas, Oares e Trava, que dominou patrimonial e administrativamente, durante a segunda metade do séc. XII e primeiras décadas do XIII, as terras ourensanas de Castela e de Búval (onde se situa a localidade de Tamalhancos). Entre os antecedentes familiares dos Lima encontra-se Fernando Oares⁷⁴, denominado precisamente “senhor de Tamalhancos”,

⁷²P. Martínez Sopena, *La Tierra de Campos Occidental. Poblamiento, poder y Comunidad del siglo X al XIII*, Valladolid, Institución Cultural Simancas - Diputación de Valladolid, 1985, p. 382.

⁷³A mãe de Rodrigo Peres de Villalobos foi Constança Osório, filha do conde Osório Martins {Flaines} de quem surgiram as linhagens Osório e Villalobos.

⁷⁴Fernando Oares foi –ao que parece– irmão de Godinha Oares, mulher de Airas Calvo.

por ter concentrado nessa terra uma parte importante dos seus bens, segundo consta de modo reiterado no seu testamento⁷⁵ (cfr. *infra*). Essa vizinhança patrimonial terá favorecido o estabelecimento de (novos) elos de sangue entre ambas as estirpes, já relacionadas pelos vínculos dos Tamalhancos com os Trava (cfr. *supra*). Os *Livros de Linhagens* registam o matrimónio do próprio Fernando Pais (de Capelo) com Teresa Lopes de Ulhoa, filha de Lopo Rodrigues de Ulhoa e de Maria Fernandes Batissela [← Fernando Airas {Lima} & Teresa Bermudes de Trava]⁷⁶. Por outro lado, Sancha Fernandes, filha de Fernando Pais, desposou Fernando Gil, neto de (sse mesmo) Fernando Airas Batissela {Lima} (irmão de Pedro Airas, o pai de Rodrigo Peres de Villalobos).

O documento em foco inclui ainda, no grupo inicial de confirmantes, Álvaro Nunes de Lara e Ramiro Froilaz, dois indivíduos relacionados com Fernando Pais de Tamalhancos e com Rodrigo Peres de Villalobos. Em primeiro lugar, assinalemos Álvaro Nunes (alferes de Afonso VIII), que na altura atingia o zénite do seu poder político (cfr. *supra*). D. Álvaro [← Nuno Peres de Lara], enquanto filho de Teresa Fernandes de Trava, mantinha diversos vínculos familiares com os Lima e, portanto, com Rodrigo Peres de Villalobos (descendente dos Trava por via materna, do mesmo modo que o era a sua mulher Teresa Froilaz).

Ramiro Froilaz (II) [1211-1234] foi filho do conde -asturicense e berciano- Froila Ramires {Fláines-Fróilaz - Navarra}⁷⁷ (“Ramus filius comitis Froile”) e da sua segunda esposa Sancha Fernandes {Lima - Trava}⁷⁸. Esta última, filha de Fernando Arias Batissela {Lima} e de Teresa Bermudes de Trava, era portanto tia de Teresa Lopes de Ulhoa (a segunda mulher de Fernando Pais de Tamalhancos) e também de Fernando Gil, genro do trovador em causa. Ramiro Froilaz {Fláinez-Froilaz - Trava} aparece relacionado com Rodrigo Peres de Villalobos por várias vias: ambos remontam à linhagem mãe

A possível intervenção dos Boán, conhecidos falsificadores da primeira metade do séc. xvii, projecta algumas dúvidas sobre a documentação relativa aos Lima conservada apenas em cópias pós-medievais.

⁷⁵ Arquivo da Catedral de Ourense, Escrituras, maço 17, núm. 104. O documento, reproduzido em J. A. Souto Cabo, *Adeante se começam, op. cit.*, foi editado recentemente por R. Pichel Gotérrez, *Fundación e primeiros séculos do mosteiro bieito de Santo Estevo de Chouzán (sécs. ix- xiii)*, Noia, Toxosoutos, 2009, núm. 9.

⁷⁶ O trovador João Lopes de Ulhoa foi também filho dos anteriores e, portanto, irmão de Teresa Lopes.

⁷⁷ O conde Froila Ramires {Fláines-Froilaz} [1150-1202] foi alferes régio (1182-1184) e tenente em diversos distritos. Ele desposou, em primeiras núpcias, Urraca Gonçalves [β Gonçalves Fernandes de Trava], com quem teve descendência. Urraca Gonçalves foi tia de Rodrigo Gomes de Trava, conhecido mecenas de lírica galego-portuguesa (cfr. Y. F. Vieira Vieira, *En cas dona Maior. Os trovadores e a corte senhorial galega no século xiii*, Corunha, Laiovento, 1999).

⁷⁸ A filiação materna de Ramiro Froilaz pode ser abonada com a ajuda de dois documentos em que ele aparece expressamente considerado filho de D.^a Sancha (M. Carbajo, *Historia del monasterio de Sobrado compilada juiciosa y criticamente por el monje bernardo fr. Mauricio Carbajo*. Ms. 587 da Biblioteca Xeral da Universidade de Santiago [Cópia manuscrita do original do séc. xviii por Benigno Cortes Garcia], 1904, fols. 365r-365v, núms. 163 e 164.

dos Flaínes⁷⁹ e são descendentes dos Trava; por outro lado, Teresa Froilaz, a mulher do senhor de Villalobos, foi irmã do próprio Ramiro Froilaz⁸⁰. Ora, se levarmos em consideração que os confirmantes ainda não citados, Fernando Gonçalves de Villalobos e Garcia Bermudes de Castellanos, foram familiares do titular da escritura⁸¹, constatamos que o primeiro conjunto de testemunhas aparece unido por vínculos directos de parentesco.

O segundo grupo de confirmantes reúne apenas milites da Ordem de Calatrava, cuja presença, além de reflectir uma relação privilegiada dessa milícia com o titular da escritura, permite associar Fernando Pais de Tamalhancos a um espaço institucional em que concorrem vários actores trovadorescos. O grupo de cavaleiros calatravos é encabeçado pelo mestre Rodrigo Garcia, membro da família dos Aza, que chefiou a Ordem entre 1212 e 1215. O seu pai foi Garcia Garcês, por sua vez prole de Garcia Garcês e de Sancha Peres de Trava⁸², irmã da bisavó de Fernando Pais de Tamalhancos, Elvira Peres⁸³.

A presença dos freires de Calatrava leva-nos a citar uma personagem não consignada directamente no documento, mas que poderá ter contado com um papel muito activo nas primeiras fases do nosso trovadorismo. Referimo-nos a Gonçalo Eanes de Novoa [1182-1232] [← João Airas de Novoa {Lima} & Urraca Fernandes {Trava}], irmão do trovador Osório Eanes [1175-1217] e primo de D. Rodrigo Peres de Villalobos⁸⁴. Esse cavaleiro foi mestre de Calatrava entre 1218 e 1232⁸⁵, no entanto a pertença a essa Ordem remonta a um período anterior à batalha das Navas de Tolosa, na qual se destacou de modo sobressalente:

⁷⁹ Veja-se M. Torres Sevilla-Quiñones de León, *Linajes nobiliarios en León y Castilla (siglos IX- XIII)*. Salamanca, Junta de Castilla y León, 1999, pp. 149-166.

⁸⁰ Mendo Nunes de Celanova, parente de Urraca Gomes (bisavó paterna de Fernando Pais de Tamalhancos), esteve casado com Maria Froilaz, uma irmã do avô de Ramiro Froilaz.

⁸¹ Fernando Gonçalves foi primo de Rodrigo Peres, já que Gonçalo, pai de Fernando, e Constança Osores, mãe de Rodrigo, eram irmãos. Desconhecemos o vínculo que unia Garcia Bermudes de Castellanos com Rodrigo Peres, mas devemos lembrar que a povoação de Castellanos era propriedade do conde Osório Martins, avô de D. Rodrigo.

⁸² Veja-se J. González, *El reino de Castilla en la época de Alfonso VIII*, Madrid, CSIC - Escuela de Estudios Medievales, 1960, vol. I, pp. 150-171. Após Rodrigo Garcia de Aza, ocorre o seu antecessor no cargo “Rodericus Didaci quondam magister de Calatraua conf.” que, de acordo com os dados de F. de Rades y Andrada (*Crónica de las tres órdenes de Santiago, Calatrava y Alcántara*, Toledo, Juan de Ayala, 1572, CC, fól. 23r), poderia ser identificado com o trovador Rui Dias dos Cameros. No entanto, esse mesmo historiador alude como figura diferente do anterior a Rui Dias dos Cameros, que participa, junto com os cavaleiros de Calatrava, em episódios bélicos como a conquista da vila de Calatrava e a batalha das Navas de Tolosa.

⁸³ Entre os milites de Calatrava encontramos um “Iulianus frater de Calatraua” que poderíamos identificar com D. Juião, trovador citado na *Tavola Colocciana* após João Vélaz sob a forma (deturpada) de “D. Juano”. É contudo possível que o poeta em foco tenha sido uma personagem homónima de cronologia algo mais recuada, segundo se propõe em J. A. Souto Cabo, *Adeante se começam*, op. cit.

⁸⁴ Portanto, Gonçalo Eanes foi também primo por afinidade, em segundo grau, de Fernando Pais de Tamalhancos e da filha deste último.

⁸⁵ Anteriormente, talvez entre 1215 e 1218, tinha ocupado o cargo de comendador-mor. Sobre o período em que ele exerceu como mestre, veja-se J. O’ Callaghan, “Don Fernan Pérez. Un maestre desconocido de la Orden de Calatrava (1234-1235)”, *Hispania*, 43 (1983), pp. 433-439.

El noveno maestre de Calatrava fue don Gonçalo Yañez, que en otras escripturas se dize don Gonçalo Joan y en Latin “Gundisaluus Ioannis”, mas todo es un sobre nombre y assi no son diferentes maestros como algunos piensan. Fue hijo de Joan Arias de Noboa, cavallero principal de Galizia ... Eligieronle por maestre desta Orden en la era de mill y dozientos y cinquenta y seys, año del Señor de mill y dozientos y diez y ocho ... Este Cavallero fue uno de los que mas se señalaron en la batalla de las Navas de Tolosa, seys años antes que fuesse maestre ... Era de mill y dozientos y setenta y seys, que fue año del Señor de mill y dozientos y treynta y ocho, murio el Maestre don Gonçal’ Iañez, aviendo governado la Orden veynte años⁸⁶.

Ora, existem diversos dados que o aproximam dos ambientes em que se desenvolveu o trovadorismo. Além do seu parentesco com Osório Eanes (irmão) e outros poetas pertencentes à linhagem dos Trava (cfr. *infra*), os trovadores Fernando Rodrigues de Calheiros e Rodrigo Gomes, “o Freire”, aparecem explicitamente ligados a este cavaleiro calatravo⁸⁷. O primeiro ocorre como confirmante numa escritura, lavrada em Burgos em 1195, pela qual Gonçalo Eanes comprava a Manrique Rodrigues (de Lara?) propriedades em S. Fagundo (c. Cea, Ourense), o que nos leva a pensar que o luso-minhoto Fernando Rodrigues de Calheiros formava parte do séquito de Gonçalo Eanes, provavelmente por serem ambos membros de uma mesma milícia⁸⁸. Rodrigo Gomes, “o Freire”, compartilhou com Gonçalo Eanes a pertença à Ordem Calatrava e interveio conjuntamente com ele em assuntos de interesse para essa instituição. É isso que evidencia uma escritura de 1215 em que, acompanhando D. Gonçalo Eanes, confirma uma doação da rainha Mafalda à Ordem de Avis (filiada à de Calatrava): “Qui presentes fuerunt: Domnus Gonsalvus Iohannis frater ordinis calatravensis. Frater Hilarius et Rodericus Gomecii fratres eiusdem ordinis. Domnus Fernandus Menendi quondam abbas Alcobacie [...]”⁸⁹ (cfr. *infra*). Relativamente aos poetas citados, lembremos que o senhor de Calheiros e Fernando Pais de Tamalhancos ocorrem contíguos na secção das cantigas de escárnio e separados apenas por Pedro Garcia de Ambroa na de amor, situação que condiz com a proximidade biográfica notada entre eles. Por sua vez, Rodrigo Gomes, “o Freire”, precede Fernando Rodrigues de Calheiros nesse último segmento.

⁸⁶ F. de Rades y Andrada, *Crónica, op. cit.*, CC, fols. 34v-39r).

⁸⁷ É possível que a esse elenco devamos acrescentar outros nomes como o de João Soares Somesso (cfr. *infra*).

⁸⁸ Não podemos excluir a hipótese de Gonçalo Eanes ter formado parte da Ordem do Templo ou da de Santiago, seguindo o exemplo do tio, Fernando Oares, templário mas protector dos santiaguistas. De facto, Gonçalo Eanes vende em 1214 ao mosteiro de Osseira aquilo que os templários possuíram em S. Fagundo (*Oseira*, núm. 161).

⁸⁹ Instituto dos Arquivos Nacionais / Torre do Tombo (Lisboa): *Ordem de Avis, maço 2, núm. 74*. Não foi, portanto, membro da Ordem de Avis como se chegou a pensar.

Como vimos, os *Livros de Linhagens* assinalam o casamento de Fernando Pais de Tamalhancos com Teresa Lopes de Ulhoa e atribuem-lhes como filhos João e Pedro (*LD* 20D3-4) ou, segundo outra fonte, João e Gonçalvo (*LC* 76A1)⁹⁰. Não se alude explicitamente a Orfresa, Elvira ou Sancha como filhas desse casal, apesar de esta última ser referida noutros passos dos nobiliários como prole de Fernando Pais (cfr. *supra*). Essa (aparente) discordância iria levantar algumas suspeitas sobre a identificação de Fernando Pais Capelo como Fernando Pais de Tamalhancos. Porém, a informação poderá ajustar-se à realidade se pensarmos que as três mulheres não foram filhas de Teresa Lopes de Ulhoa, mas de uma cónjuge anterior. Fernando Pais terá desposado a jovem Teresa Lopes já numa fase avançada da vida. De facto, sabemos que D.^a Teresa sobreviveu ao trovador e desposou um Pedro Marinho com quem teve descendência (cfr. *infra*). A localização geográfica de uma parte dos bens que pertenceram a Fernando Pais e à (provável) primeira mulher, bem como o ingresso de Orfresa e Elvira no mosteiro de Carrizo, relacionam o primeiro casamento com a área centro-ocidental do reino leonês, isto é, a região asturicense do mesmo. Ora, a documentação da sé de Astorga revela a existência de um casal formado por um Fernando Pais e uma Orfresa, os quais em 1201 (*CAstorga*, núm. 968) compravam uma herdade em Villamediana de Órbigo (c. S. Cristobal de la Polantera), oferecida seis anos mais tarde à igreja de Astorga:

Placet siquidem mihi Ferdinando Pelagii in ecclesia beatae Mariae Virginis Astoricensis cum parentibus et auuis meis eligere sepulturam ... Et ego dona Orfresa ... in predicta ecclesia eligo sepulturam et por inde scriptum hanc meam voluntatem me promitto in perpetuum conseruaturam, verum quia beneficiis et orationibus universitatis Astoricensis ecclesiam nos intendimus tam in vita quam in morte adiuuare canonicis qui ibi sunt eruntque futuri pro remedio animarum mearum et parentum meorum, damus et concedemus pro aniuersario nostro omnem nostram hereditatem quam habemus in Villa Mediana, quae est in riba de Oruego ... Propterea Fernandus Pelagii et uxor mea donna Orfresa lego episcopo Asturicensi meam azemilam et meum cifum argenteum necnon canonicis cum suis sepelectibus meum lectum verum [...] (*CAstorga*, núm. 997).

A localização da propriedade e o nome da mulher, idêntico ao de uma das filhas, leva-nos a considerar a possibilidade de identificar esse indivíduo com Fernando Pais de Tamalhancos, pai de Orfresa, Elvira e Sancha⁹¹. Aquelas fontes evidenciam que (este) Fernando

⁹⁰ A documentação revela a existência de outra filha, Sancha Fernandes, a quem Gonçalo Eanes Marinho cedia diversas propriedades em Urdilde no ano 1248 (*Tombo C*, fól. 138r).

⁹¹ Quintana Prieto (*El obispado de Astorga en el siglo XIII*, Astorga, Instituto de Estudios Bercianos, 2002, p. 28) alude a este Fernando Pais, mas supõe que “parece ser hijo del conocido

Pais foi tenente de Villoria de Órbigo (c. Villarejo de Órbigo) (1196, 1201) e, talvez, de Boeza (1204) (*Castorga*, núm. 931, 968, 982). A aceitação dessa hipótese, somada aos dados acima colecionados, permite preencher em parte o vazio que, desde 1197 até 1216 (cfr. *supra*), se produz na biografia de Fernando Pais e explicaria o motivo por que concentrava uma parte importante do seu património no vale centro-meridional do Órbigo, onde ele próprio teria sido tenente⁹². Também ajudaria a compreender o ingresso das filhas no mosteiro de Carrizo, um dos principais estabelecimentos monásticos da zona, situado na margem direita desse rio⁹³.

Fernando Pais aduz, naquele excerto documental, o exemplo de parentes e avós para escolher como sepultura a sé de Astorga. Essa declaração assegura que uma parte dos seus ancestrais tinha ou tivera como sede essa área geográfica⁹⁴. Estamos num âmbito dominado desde os inícios do séc. XII pela linhagem dos Flaínes-Froilaz, a que se soma a presença –na mesma área ou nas contíguas– dos Cabrera e Minerva. A associação dos Cabrera à linhagem galega dos Vélaz & Trava deu origem ao trovador João Vélaz, cuja biografia aparece em boa medida ligada a um espaço imediato (sul de Leão e nordeste de Zamora)⁹⁵.

Não é essa a única ligação que os Vélaz & Trava estabelecem com famílias do ocidente leonês. Existiu, de facto, uma política matrimonial sistemática de aproximação entre aqueles troncos galegos e os Flaínes-Froilaz durante a segunda metade do séc. XII e primeiras décadas do séc. XIII, como se evidencia pelos casamentos de Afonso e Froila Ramires (filhos varões do conde Ramiro Froilaz) com Teresa Álvares {Vélaz - Trava}, o primeiro, e com (i) Urraca Gonçalves {Trava - Vélaz} e (ii) Sancha Fernandes {Lima - Trava}, o segundo. Entre as junções desse tipo, interessa salientar o casamento do conde Rodrigo Álvares de Sárria {Vélaz - Trava}⁹⁶ com Maria Ponce [←

guerrero astorgano Pelayo Captivo y, en consecuencia, según lo apuntado en otro lugar hermano de Andrés Pelagii, padre del obispo que ahora nos ocupa. En el documento del año 1150, por el que Pelayo Captivo da propiedades a la catedral y a su cabildo, es este Fernando Peláez unos de los confirmantes como hijo, al parecer, del donante.” Esta conjetura é difícil de admitir dada a enorme distância temporal, de quase sessenta anos, que afastaria as ocorrências extremas.

⁹² Lembremos que, de acordo com um documento de 1193 (*Afonso IX*, núm. 62) (cfr. *supra*), Paio Moniz foi tenente de “Ordiales”, território que pôde estar situado na área leonesa do Páramo (cfr. *supra*). Caso se confirme esta identificação, estaremos perante um antecedente da actividade política, na mesma zona, do filho.

⁹³ Afonso IX, em escritura não datada redigida em Astorga, confia a um Fernando Pais a obtenção dos direitos que pertenciam à Sé compostelana no concelho de Astorga (*Afonso IX*, núm. 658). H. Monteagudo (*Letras primeiras*, *op. cit.*, p. 396) considera provável a sua identificação com o trovador em foco, mas a sua apresentação induz a pensar que era pessoa alheia a essa cidade (“Rogo etiam et mando, firmiter uobis quod ametis et adiuuetis ipsum Fernandum Pelagii et faciatis pro eo in omnibus tanquam pro bono uicino uestro”), o que em aparência entra em contradição com a nossa proposta.

⁹⁴ Fernando Pais também contou com propriedades na Terra de Campos, mesmo na parte castelhana.

⁹⁵ Sancha Nunes, avó de João Vélaz, foi tia de Urraca Nunes, bisavó de Fernando Pais de Tamalhancos.

⁹⁶ Filho de Álvaro Rodrigues {Vélaz} e de Sancha Fernandes {Trava}. Sobre esta impor-

Pôncio de Minerva & Estefânia Ramires {Froilaz}}, fundadora do mosteiro de Carrizo em 1176⁹⁷. Ela foi também a primeira abadessa do cenóbio, onde encontraremos mais tarde as filhas de Fernando Pais de Tamalhancos. A presença delas em Carrizo e, posteriormente, de Orfresa em Gradefes pôde responder simplesmente aos vínculos de Fernando Pais com o contorno geográfico e cultural em que ele próprio se integrava. Contudo, não podemos excluir outras circunstâncias que expliquem o empenhamento familiar dos Varela nessas instituições, nomeadamente na primeira. Alonso Álvarez⁹⁸ demonstrou que a difusão de Cister nos reinos centro-ocidentais se produziu através da rede familiar dos Trava e associa a fundação de Carrizo ao casamento de Maria Ponce, filha da fundadora, com o conde Rodrigo Álvares de Sárria {Vélaz - Trava}.

A documentação do mosteiro de Carrizo, além de assinalar a presença de Elvira (1251-1253) e de Orfresa (1251-1260) como freiras dessa instituição, inclui uma carta de 1267 pela qual Teresa Lopes de Ulhoa cede ao filho, João Peres Marinho, diversas propriedades situadas na margem norte da ria de Muros e Noia:

Ego domna Tarasia Lupi pro me et pro omni uoce mea do et dono sicut donacio plus decet omne ualiturum vobis filio meo Iohannes Petri dicto Marino omnique uoci uestre totum meum quinionem de quanto ego habeo en Ualle de Ueranio et de Estario et de Oesperante et meam hereditatem et plantatum de Borres et quantam hereditatem et plantatum et casas habeo in Vindimoo (*Carrizo*, núm. 419)⁹⁹.

Visto que não se consigna qualquer tipo de transacção em que o convento intervenha directamente, a presença do escrito nesse núcleo arquivístico leva a considerar que foi cedido a Carrizo na qualidade de precedente documental para uma doação ou compra a favor do cenóbio, da qual não conservamos o exemplar diplomático central. As relações patrimoniais entre Teresa Lopes de Ulhoa e o filho com este mosteiro leonês, podem explicar-se facilmente se identificarmos –segundo acima dissemos– Fernando Pais de Tamalhancos com o Fernando Pais de Capelo citado nos *Livros de Linhagens* como cônjuge de D.^a Teresa¹⁰⁰. A totalidade ou uma parte das terras citadas terá

tante figura do séc. XII galaico(-leonês), veja-se J. M. Canal Sánchez-Pagín Canal Sánchez-Pagín, “El conde don Rodrigo Álvarez de Sarria, fundador de la orden militar de Monte Gaudio”, em *Compostellanum*, 28 (1983), pp. 373-397.

⁹⁷ Veja-se M. Torres Sevilla-Quiñones de León, “Los linajes fundadores de los monasterios de Carrizo y Nogales (León)”, em *Actas II Congreso Internacional sobre el Cister en Galicia y Portugal. IX Centenario de la Orden Cisterciense*, Ourense, vol. II, pp. 937-950.

⁹⁸ “Los promotores de la Orden del Cister en los reinos de Castilla y León: familias aristocráticas y damas nobles”, em *Anuario de Estudios Medievales*, 37/2 (2007), pp. 678-679.

⁹⁹ Trata-se de lugares contíguos dos actuais concelhos de Outes (Esperante, Vranho, Vendimom) e Muros (Esteiro) no noroeste galego.

¹⁰⁰ O testemunho do documento em análise, ao assegurar que Teresa Lopes de Ulhoa desposara Pedro Marinho, visibiliza a realidade histórica subjacente à cantiga de Afonso Soares

passado a ser propriedade de Carrizo na sequência de algum tipo de negócio, sobre património que pertencera a Fernando Pais de Tamalhancos, efectuado entre João Peres Marinho (ou os seus sucessores) e esse mosteiro.

A carreira monacal de Orfresa, uma das filhas de Fernando Pais, não se limitou ao mosteiro de Carrizo, também a encontramos entre 1260 e 1265 como abadessa de Gradefes, estabelecimento monástico leonês situado a leste da capital, nas margens do rio Esla¹⁰¹. Os vínculos deste mosteiro com os Froilaz, Minerva e Trava podem explicar os motivos que levaram a filha de Fernando Pais a atingir a máxima honra no mesmo¹⁰². Entre as abadessas anteriores a D.^a Orfresa, encontramos Teresa Afonso de Meneses (1240-1251), irmã de Maior Afonso e, portanto, cunhada de Rodrigo Gomes de Trava¹⁰³.

De acordo com a hipótese acima sugerida, é possível que Orfresa tenha recebido esse nome seguindo o exemplo da mãe que, como vimos, foi conhecida por essa mesma designação. Trata-se de uma denominação invulgar nos reinos centro-ocidentais da Península, mas que parece ter sido relativamente frequente na área catalã¹⁰⁴. A comparência no ocidente leonês das famílias catalãs dos Minerva e dos Cabrera faz suspeitar que D.^a Orfresa, a provável primeira mulher de Fernando Pais, tenha pertencido (familiar ou socialmente) a uma dessas linhagens, e mais provavelmente à dos Minerva, hipótese que se coadunaria, de novo, com a presença da filha em Carrizo.

Em diversos pontos deste trabalho temos aludido a alguns indícios que podem vincular o âmbito familiar de Fernando Pais de Tamalhancos às ordens militares. A figura de maior relevo foi Fernando Oares, já acima aludido, cavaleiro templário e (provavelmente) um dos fundadores da Ordem de Santiago¹⁰⁵. Também vimos o seu pai, Paio Moniz, participar em negócios de interesse para esta última

Sarraça que se inicia com estes versos: “Poren Tareija Lopiz non quer Pero Marinho: / pero x’ el é mancebo, quer x’ela mais menino.” Precisamente, a última estrofe dessa composição alude, através da polissemia da palavra-chave “capelo”, ao seu casamento prévio com Fernando Pais de Tamalhancos ou de Capelo: “Non casará con ele por ouro nen por prata / nen por panos de seda, quant’ é por escarlata, / ca dona de capelo de todo mal se cata.” Afonso Soares Sarraça foi tio de Maria Peres Sarraça, a mulher de João Fernandes Varela [← Fernando Pais de Tamalhancos & Teresa Lopes de Ulhoa].

¹⁰¹ Veja-se M. D. Yáñez Neira, “El monasterio de Santa María de Gradefes y sus abadessas”, em *Tierras de León*, núm. 9 (1968), pp. 42-43.

¹⁰² Veja-se J. M. Canal Sánchez-Pagín, “El conde don Rodrigo Álvarez de Sarria...”, art. cit., pp. 373-397 e R. Alonso Álvarez, “Los promotores...”, art. cit., p. 669.

¹⁰³ Cfr. Y. F. Vieira Vieira, *En cas dona Maior, op. cit.*, p. 50.

¹⁰⁴ Registamos esse antropónimo, por exemplo, num documento do Arquivo da Sé de Barcelona publicado por Baucels i Reig et al. (*Diplomatari de l’Arxiu Capitular de la Catedral de Barcelona. Segle XI*, Lleida, Fundació Noguera-Pagès Editors, 2006, p. 146) e o seu sentido é “frisada com ouro”. Como se sabe, o nome aparece numa ocasião na obra de Berceo atribuído a uma mulher que, de acordo com as fontes do autor castelhano, morava em Memblas de Lara (Burgos). É difícil saber se a localização geográfica nas terras donde procedem os Lara poderia estar dotada de alguma significação.

¹⁰⁵ Lembremos que se trata de um irmão de Godinna Oares, mulher de Airas Calvo (fundador da estirpe dos Lima).

milícia, mas sem que possamos identificar exactamente o nexu que a ela o aproximava. O mesmo podemos dizer sobre Fernando Pais de Tamalhancos, se bem que neste caso os indícios sejam imprecisos. J. Ferreiro Alemparte¹⁰⁶ fez notar que a povoação de Tamalhancos se situa numa área marcada pela presença das ordens militares e alude à igreja de Santa Maria de Tamalhancos como “iglesia templaria de refugio (su(b)cadea)” ou ao castelo de Alva como (possível) “fortaleza templaria”. Lembremos ainda a possibilidade de relacionar Fernando Pais de Tamalhancos com Rodrigo Gomes, “o Freire”, e Fernando Rodrigues de Calheiros, poetas vinculados ao mundo das ordens militares, com os quais mantém conexões literárias (cfr. *infra*) e que ocupam lugares muito próximos na tradição manuscrita. Essa situação repete-se, com grandes similitudes, no caso de João Soares Somesso, trovador luso-galaico situado nos cancioneiros a escassa distância de Fernando Pais –só os separa Vasco Praga de Sandim– e também ligado a ele do ponto de vista poético (cfr. *infra*). Ora, a ocorrência documental de Somesso no mosteiro santiaguista de Vilar de Donas, convida a pensar que foi membro da Ordem de Santiago (ou da de S. João de Jerusalém) (*Vilar de Donas*, núm. 11). Com esses dados, não podemos descartar a existência, nesse segmento concreto da tradição, de uma espécie de agrupamento de milites ou poetas relacionados com o mundo das ordens militares através de Gonçalo Eanes de Novoa, irmão do trovador Osório Eanes¹⁰⁷.

Antes de concluirmos, queremos recuperar a informação de uma escritura de 1161, citada previamente a propósito de D. Varela, pela qual Sancha Ponce de Cabrera e os filhos, entre eles o trovador João Vélaz, ofereciam diversas propriedades na área do antigo distrito galego de Orzelhão ao mosteiro de S. Leonardo de Alba de Tormes. O avô de Fernando Pais integra a pequena relação de confirmantes desse diploma (encabeçada pelo pai da titular, o conde Pôncio de Cabrera) que nos apresenta importantes autoridades do ocidente leonês: “Comes Pontius mayordomus regis Fernandi, comes Petrus, comes Ramirus, comes Gunzalvus, Menendo Vergancia, Nuno Fernandi, Suarius Menendi, domnus Varela”¹⁰⁸. Trata-se certamente de indivíduos próximos do ambiente curial dos Cabrera entre os quais encontramos Mendo Mendes de Bragança, tio materno do trovador João Soares de Paiva. Este último abre a secção de escárnio na qual o de Tamalhancos

¹⁰⁶ “Temple, Santo Sepulcro y Císter en su fase inicial gallega”, em *II Congreso Internacional sobre el Císter en Galicia y Portugal. IX centenario de la fundación del Císter* (vol. I, pp. 341-368), Ourense, 1998, pp. 348-349. Veja-se também C. Pereira Martínez (“A Bailia de Amoeiro (Ourense) da Orde do Temple”, em *Nalgures*, 3 (2006), pp. 281-295) que descreve a Bailia de Amoeiro, um dos assentamentos mais importantes do Templo, onde se encontra Tamalhancos.

¹⁰⁷ Referimo-nos, pelo menos, ao início da secção de amor entre as posições 15 e 20 de acordo com o “Quadro geral” elaborado por A. R. de Oliveira, *Depois do espectáculo*, op. cit.

¹⁰⁸ O conde Pedro Afonso (“comes Petrus”), pertenceu à família dos Vélaz e desposou Sancha Fernandes de Trava irmã de Maria Fernandes (a segunda mulher do conde Pôncio Geraldo).

ocupa a terceira posição, separados apenas pela figura de Fernando Rodrigues de Calheiros. As ilações que podemos tirar desta escritura vêm reafirmar os dados coleccionados nas páginas prévias. Evidencia-se por eles a integração de Fernando Pais de Tamalhancos numa densa rede de nexos sociais e familiares a que se associa o elenco completo de poetas que inauguraram a nossa lírica trovadoresca.

3. FERNANDO PAIS DE TAMALHANCOS E A PRIMEIRA GERAÇÃO TROVADORESCA

Numerosos elementos induzem a pensar que a génese do nosso trovadorismo terá sido o resultado da junção das culturas galego-portuguesa e catalano-provençal, representadas pelos grupos familiares dos Vélaz-Trava¹⁰⁹ e, por outro lado, dos Cabrera, Minerva ou Urgell. João Vélaz [1158-1181]¹¹⁰, o trovador galego-português de cronologia (segura) mais recuada, emerge exactamente na intersecção desses dois meios enquanto filho de Vela Guterres [← Guterre Bermudes {Vélaz} & Toda Peres de Trava] e de Sancha Ponce¹¹¹ [← Pôncio Geraldo de Cabrera & Sancha Nunes de Celanova]¹¹².

A estirpe dos Trava afigura-se como o elemento que aglutina, de um ou outro modo, os poetas cuja actividade literária se situou antes de 1230. A vinculação reiterada dos Trava ao grupo familiar dos Lima, estabelecido na margem setentrional do Minho entre Ourense e Ribadavia¹¹³, poderá explicar o motivo pelo qual essa área se constituiu num vértice em que convergem, por circunstâncias diversas, algumas das mais antigas personalidades poéticas como: Airas Moniz de Asma¹¹⁴, Airas Oares¹¹⁵, Diogo Moniz, Fernando

¹⁰⁹ As conexões matrimoniais entre Trava e Vélaz foram de tal modo frequentes que quase podemos falar em dois ramos da mesma estirpe.

¹¹⁰ A prioridade cronológica de João Vélaz, a respeito doutros trovadores, patenteia-se levando em consideração que ele morreu entre 5 de julho de 1181 (*CZamora*, núm. 31) e 7 de dezembro desse mesmo ano (*Moreuel*, núm. 19), o que nos leva a considerá-lo poeticamente activo entre ca. 1160 e 1180. A profissão literária de João Soares de Paiva poderá ser resultado dos vínculos que a estirpe dos Bragança –a que pertencia por via materna– mantinha com o reino galaico-leonês e com os Cabrera. Aliás, a última comparência documental do Paiva situa-o nas terras do Bierzo, espaço dominado, desde a primeira metade do séc. XII, pelos Cabrera e sobretudo pelos Flaínes-Froilaz (cfr. *supra*).

¹¹¹ Apesar de Sancha Nunes de Celanova ter sido a avó de sangue, a avó efectiva de João Vélaz foi certamente Maria Fernandes [← Fernando Peres de Trava & Sancha Gonçalves {Ansuress - Vélaz}], segunda mulher de Pôncio Geraldo de Cabrera –pelo menos– desde 1142 (*Toxos Outos*, núm. 27). Maria Fernandes era irmã de Urraca Fernandes, a mãe do trovador Osório Eanes. Sancha Gonçalves, progenitora destas últimas, foi Vélaz por via materna.

¹¹² Rodrigo Gomes de Trava, reconhecido como mecenas do movimento lírico em foco, representa uma simbiose similar, como filho de Miracle de Urgell [← Armengol VII de Urgell & Dulce de Barcelona] e de Gomes Gonçalves de Trava.

¹¹³ Existem também dados que vinculam essa linhagem à cidade de Santiago, onde o próprio Osório Eanes contava com uma casa.

¹¹⁴ O envolvimento de Airas Moniz de Asma e do provável irmão, Diogo Moniz, poderá ser relacionado como os vínculos que mantinham com Fernando Pais de Tamalhancos. Veja-se J. A. Souto Cabo, “O eco das primeiras vozes”, *op. cit.*, pp. 27-30.

¹¹⁵ Trata-se do trovador “tradicionalmente” conhecido como Airas Soares.

Rodrigues de Calheiros, João Soares Somesso¹¹⁶, Lopo Lias, Osório Eanes, Pedro Pais Bazaco, Rodrigo Gomes, “o Freire”, etc. Como vimos, Fernando Pais de Tamalhancos também pertenceu a esse âmbito geográfico, que se conforma com elemento chave para entender o desabrochar da canção trovadoresca em galego-português¹¹⁷.

Relativamente às relações poéticas de Fernando Pais, já foram identificadas concordâncias, a vários níveis, com trovadores como: Airas Fernandes Carpancho¹¹⁸, João Soares Somesso, Lopo Lias, Osório Eanes ou Rui Gomes, o Freire. Entre as correspondências mais expressivas, podemos salientar: (a) o tema da troca da *senhor* também perfilhado por Osório Eanes (*Que me non podesse forçar*¹¹⁹, *Eu, que nova senhor filhei*) ou por João Soares Somesso (*Punhei eu muit' en me guardar*); (b) o uso da locução adverbial *ben leu/lheu* que encontramos em Osório Eanes e Rui Gomes o Freire, (c) o paralelismo do *incipit* da cantiga *Con vossa graça, mia senhor* relativamente aos de João Soares Somesso *Con vossa coita, mia senhor* e *Con vosso medo, mia senhor* e (d) diversos tipos de coincidências métricas com: Airas Fernandes Carpancho, Rui Fernandes de Calheiros e Lopo Lias¹²⁰. Como tivemos ocasião de comprovar ao longo deste estudo, vários dos trovadores citados mantiveram vínculos familiares ou sociais com Fernando Pais.

¹¹⁶ Este trovador foi filho do português Soeiro Airas de Valadares. Os Valadares, linhagem portuguesa de origem galega, dominaram a terra do mesmo nome, situada na margem esquerda do minho, imediata ao interior da Terra de Toronho na Galiza.

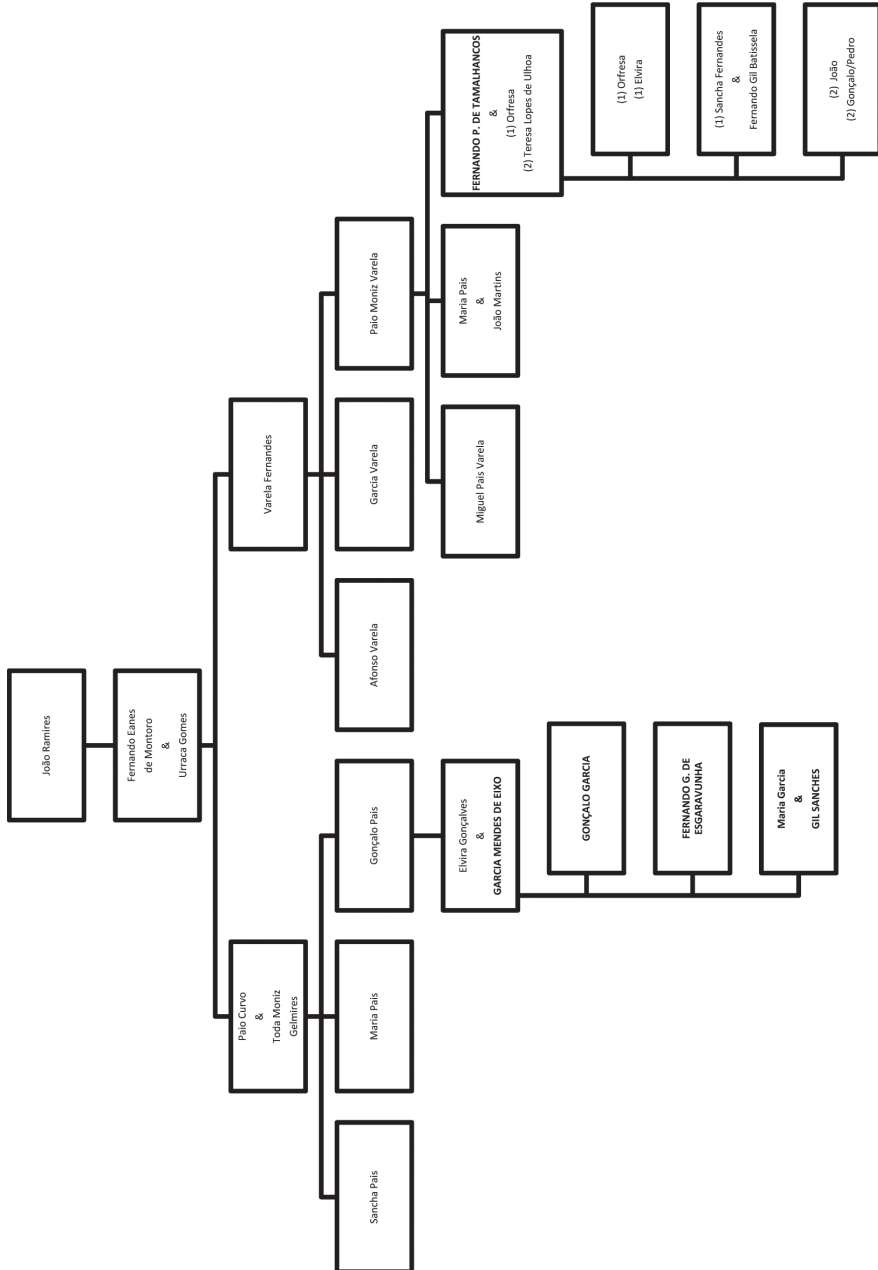
¹¹⁷ É possível associar biograficamente este trovador a outro núcleo literário na área do Morrazo-Salnês, onde ainda encontramos Lopo Lias, vinculado ao de Tamalhancos de vários pontos de vista. Veja-se J. A. Souto Cabo, “D. Lopo Lias...”, art. cit.

¹¹⁸ Veja-se J. A. Souto Cabo - Y. F. Vieira, “Para um novo enquadramento...”, art. cit., pp. 243-250.

¹¹⁹ Sobre o *incipit* desta cantiga, veja-se J. M. Montero Santalha, *As rimas da poesia trovadoresca galego-portuguesa: catálogo e análise* (tese de doutoramento inédita), Corunha, Universidade da Coruña, 2000, 241.

¹²⁰ Cfr. J. Souto Cabo, “D. Lopo Lias...”, art. cit. Vejam-se as correspondências em G. Tavani, *Repertorio metrico della lirica galego-portoghese*, Roma, Edizioni dell' Ateneo, 1967: 59, 63, 64, 85-86, 97, 412-413). As cantigas *Escudeiro pois armas queredes* e *Vedes, senhor; pero me mal fazedes*, respectivamente atribuídas a Lopo Lias e Fernando Pais de Tamalhancos, além de apresentarem esquemas métricos próximos (G. Tavani, *Repertorio, op. cit.*, núms. 37: 44 e 37:52), partilham a utilização conjunta das rimas “-edes” e “-ades”. Esse encontro de rimas é, contudo, relativamente frequente (J. M. Montero Santalha, *As rimas, op. cit.*, pp. 881, 1021-1022).

4. APÊNDICES

4.1. Esquema genealógico (parcial) relativo a Fernando Pais de Tasmalhancos¹²¹

¹²¹ Utilizamos as maiúsculas e o negrito para identificar as personagens históricas que exerceram ofício poético.

4.2. Documentação

1160.04.10 - Zamora.

Fernando II, rei da Galiza e de Leão, dá a herdade de Cangas do Morrazo a D. Varela.

B. AHN, Mosteiro de Armenteira, pasta 1749, núm. 9.

In nomine Sancte et Individue Trinitatis, Patris, et Filii et Spiritus Sancti. Amen. Ad hec scripta fiunt ut que ueritatis luce resplendent obliuionis nebula in posterum non obfuscentur. Eapropter ego Fernandus, Dei gratia legionensis rex, facio textum et scriptum donacionis firmissimum tibi Uarele de illa mea hereditate que uocatur Cangas et est in Morrazo, in ripa maris. Dono itaque tibi Uarele illa iam dictam hereditatem, uidilicet Cangas totam ad integrum sicut diuiditur cum Sancta Maria de Darauo, et cum Auriol, et Siluana et cum Intra Ambos Riuos, et cum Uillantes; cum omnibus terminis suis nouissimis, et antiquis, et cum omnibus bonis eius, cum pratis, pascuis, montibus, fontibus, riuis, ingressibus et egressibus, et cum omnibus directuris suis ubicumque eas inuenire putueris atque hereditario iure ut deinceps eam habeas et possideas et quicquid uolueris de illa facias in perpetuum concedo pro bono servicio quod mihi fecisti et facis.

Si quis igitur huius mei uoluntarii facti uiolator contra hanc mee donacionis pagina venire presumpserit offensam Dei cum indignatione mea incurrat et pro temerario ausu tibi uel uoci tue centum libras auri componat et hec scripti pagina robur in perpetuum obtineat.

Facta scriptura apud Cemoram .iii^o. idus aprilis, sub era milesima C^a LX VIII, anno III^o quo obiit in Porto de Muradal famosissimus hispaniarum imperator domnus Adefonsus et cepit regnare inclitus eius filius, predictus rex Fernandus, in Legione et Galecia et Asturiis.

Ego Fernandus Dei legionensis rex hoc scriptum quod fieri iussi propria manu roboro et confirmo. Petrus minduniensis episcopus confirmat. Stefanus cemorensis episcopus confirmat. Ordonius salamantinus episcopus confirmat. Iohannes legionensis episcopus confirmat. Fernandus astoricensis episcopus confirmat. Petrus ouetensis episcopus confirmat. Iohannes lucensis episcopus confirmat. Petrus auriensis episcopus confirmat. Isidorus tudensis episcopus confirmat. Comes Poncius, maiordomus regis, confirmat. Comes Petrus confirmat. Comes Ramirus confirmat. Comes Gunzaluus confirmat. Aluarus Roderici confirmat. Poncius de Minerua confirmat. Fernandus Gunçalui signifer regis confirmat.

Ego Petrus, dictus Infantinus, notarius regis de manu minduniensis episcopus domni Petri scripsi et confirmo.

4.3. *Cantigas de Fernando Pais de Tamalhancos*¹²²

Apesar de partirmos de uma nova leitura –escassamente interventiva– das composições, seguimos a edição de C. P. Martínez Pereiro¹²³, inclusive na ordem. Também adoptamos as diversas sugestões formais enunciadas por Montero Santalha¹²⁴. Reproduzimos as rúbricas explicativas que precedem algumas cantigas tomando, normalmente, como ponto de partida o trabalho de X. C. Lagares¹²⁵.

1

Vedes, senhor, u m'eu parti
de vós, e vos depoi[s] non vi:
ali tenh' eu o coraçom,
en vós, senhor, e [en] al non.

U vos eu vi fremosa estar,
e m' ouvi de vós a quitar:
ali tenh' eu o coraçom,
[en vós, senhor, e en al non].

U vos eu vi fremosa ir,
e m' ouvi de vós a partir:
ali tenh' eu o coraçom,
[en vós, senhor, e en al non]. (B 76)

2

Vedes, senhor, pero me mal fazedes,
mentr' eu viver, ja vós sempre seredes,
senhor fremosa, de mi poderosa.

Pero me mal fazedes cada dia,
mentr' eu viver, seredes toda via,
senhor fremosa, [de mi poderosa].

Per como quer que vós de mi façades,
mentr' eu viver, vós quer' eu que sejades,
senhor fremosa, [de mi poderosa]. (B 77)

¹²² Os textos são apresentados de acordo com as normas definidas por M. Ferreiro, C. P. Martínez Pereiro, L. Tato Fontaiña (eds.), *A edición da poesía trobadoresca en Galiza*, Corunha, Baía, 2008. Utilizamos os seguintes símbolos: [texto] = letras ou palabras acrescentadas, {texto} = palabras refeitas.

¹²³ *As cantigas de Fernan Paez de Tamalancos*, Santiago, Laivento, 1992.

¹²⁴ *As rimas*, *op. cit.*

¹²⁵ *E por esto fez estes cantar. Sobre as rubricas explicativas dos cancioneiros profanos galego-portugueses*, Corunha, Laivento, 2000.

3

Gran mal me faz agora' l Rei
 que sempre servi e amei,
 porque me parte [d'] u eu ei
 prazer e sabor de guarir.
 Se m' eu da Marinha partir,
 non poderei alhur guarir.

Muit' é contra mi pecador
 el-Rei, fort[e] e sen amor,
 porque me quita do sabor
 e grande {prazer} de guarir.
 Se m' eu da Marinha partir,
 [non poderei alhur guarir]. (B 78)

4

Con vossa graça, mha senhor
 fremosa, ca me quer' eu ir,
 e venho-me vos espedir,
 porque mi fostes traedor,
 ca, avendo-mi vós desamor,
 u vos amei sempr' a servir
 des que vos vi, e des enton,
 m' ouvestes mal no coraçõn.

Pero, de vós, é a min peor,
 porque vos vej' assi falir,
 que eu ben pod[er]ei guarir
 oimais sen vós, ca mui melhor
 dona ca vós ei por sen[h]or
 e que no[n] sabe assi mentir,
 que fara adur tal traiçon
 sobre seu ome, sen razon.

E veeredes qual amor
 vos eu fazia, por partir-
 me vin de vós; e descobrir-
 -vos-ei d' ãu voss' entendedor
 vilão, de que vós sabor
 avedes e a quen pedir
 foste-la cinta; poren non
 vos amarei nulha sazõn. (B 74)

5

*Outrossi fez estas cantigas a ãa abadessa, sa coirmãa, en que enten-
 dia. E passou por aquel moesteiro un cavaleiro e levava ãa cinta e
 deu-lha porque era pera ela. E poren trobou-lhi estes cantares.*

Non sei dona que podesse
 vale-la que eu amei,
 nen que eu tanto quisesse
 por senhor, das que eu sei,
 se a cinta non presesse,
 de que mi lh' eu despaguei,
 e por esto a cambei.

Pero mh' ora dar quisesse
 quant'eu dela desejei
 e mi aquel amor fezesse,
 por que ja sempr' aguardei,
 cuido que lho non quisesse,
 tan muito me despaguei
 dela, poi-la cinta achei.

Nen ar sei prol que m' ouvesse
 seu ben; e al vos direi:
 se a por atal tevesse,
 quando m' a ela tornei,
 juro que o non fezesse,
 ca tenho que baratei
 ben, pois me dela quitei.

Ca muito per ei a messe
 con melhor senhor, e sei
 de mi que a servirei. (B 75, B 1336, V 943)

6

Quand' eu passei per Dormãa
 preguntei por mha coirmãa,
 a salva e pa[a]çãa.
 Disseron: “Non é aqui essa,
 alhur buscade vós essa;
 mais é aqui a abadessa”.

Preguntei: “Por caridade,
 u é d' aqui salvidade,
 que sempr' amou castidade?”
 Disseron: “Non é aqui essa,
 alhur buscade vós essa;
 mais é aqui a abadessa”. (B 1337, V 944)

7

*Don Fernan Paez de Talamancos fez este cantar de mal dizer a ùu
 jogar que chamavam jogar Saco e era mui mal feito. E poren tro-
 bou-lhi que mais guisad' era de seer saco ca jogar.*

Jograr Saco, non tenh'eu que fez razon
 quen vos pôs nome jograr e vos deu don;
 máis guisado fora Saqu' e jograr non.
 Assi Deus m' ampar,
 vosso nume vos dira quen vos chamar
 Saqu' e non jograr.

Rodrig' Airas vo-lo diss' e fez mal sén,
 pois que vós non citolades nulha ren;
 ar avede nume Saqu' e será ben.
 Assi Deus m' ampar,
 vosso nome vos dira quen vos chamar
 Saqu' e non jograr.

Quen vos Saco chamar prazera a nós,
 e dira-vo-lo ben lheu que[n] vos en cos
 vir tira-los nadigões, apos vós.
 Assi Deus m' ampar,
 vosso nome vos dira quen vos chamar
 Saqu' e non jograr.

Quen a vós chamou jograr a pran mentiu,
 ca vej' eu que citolar non vos oiui,
 nen os vossos nadigões non os viu.
 Assi Deus m' ampar,
 vosso nome vos dira quen vos chamar
 Saqu' e non jograr. (B 1334, V 941)

8

Jograr Saqu', eu entendi,
 quando ta medida vi,
 que sen pan t' iras daqui,
 ca desmesura pedes:
 como vêes, vai-t' assi,
 pois tu per sacco medes.

Gran medida é, de pran,
 pero que d' ele muit' an;
 saqu' e, [e] non cho daran,
 ca desmesura pedes:
 u fores, recear-t' an,
 pois tu per sacco medes. (B 1335, V 942)

5. CORRESPONDÊNCIA DAS SIGLAS

- Afonso VII* = M. Recuero Astray, M. González Vázquez e P. Romero Portilla, *Documentos Medievales del Reino de Galicia: Fernando II (1155-1188)*, Santiago de Compostela, Xunta de Galicia, 2000.
- Afonso IX* = J. González, *Alfonso IX*, Madrid, CSIC-Instituto Jerónimo Zurita, 1944.
- Carrizo* = M. C. Casado Lobato, *Colección Diplomática del Monasterio de Carrizo*, León, Centro de Estudios e Investigación “San Isidoro”-Caja de Ahorros y Monte de Piedad-Archivo Histórico Diocesano, 1983.
- CAstorga* = G. Caveró Domínguez – E. Martín López, *Colección documental de la catedral de Astorga*. León, Centro de Estudios e Investigación “San Isidoro”-Caja España de Inversiones-Archivo Histórico Diocesano, 2000.
- CLeão-V* = J. M. Fernández Catón, *Colección documental del archivo de la Catedral de León (775-1230), V (1109-1187)*, León, Centro de Estudios e Investigación “San Isidoro”-Caja España-Archivo Histórico Diocesano, 1990.
- CLeão-VI* = J. M. Fernández Catón, *Colección documental del archivo de la Catedral de León (775-1230), VI (1188-1230)*, León, Centro de Estudios e Investigación “San Isidoro”-Caja España-Archivo Histórico Diocesano, 1991.
- Celanova* = B. Vaquero Díaz, *Colección diplomática do mosteiro de San Salvador de Celanova (ss. XIII-XV)*, Santiago, Tórculo, 2004.
- CZamora* = J. L. Martín, *Documentos Zamoranos. I Documentos del Archivo Catedralicio de Zamora. Primera parte (1128-1261)*, Salamanca, Universidad de Salamanca, 1982.
- Dormeá* = M. Lucas Álvarez, “Los monasterios femeninos de San Cristovo de Dormeá y San Martiño de Cánduas”, em M. D. Barral Ribadulla e J. M. López Vázquez, *Estudios sobre patrimonio artístico. Homenaje del departamento de Historia del Arte y de la Facultad de Geografía e Historia de la Universidad de Santiago de Compostela a la Prof. Dra. M.ª del Socorro Ortega Romero*, Santiago, Xunta de Galicia, 2002.
- Fiães* = X. Ferro Couselo, *Tumbo de Fiães. Boletín Auriense. Anexo 20*, Ourense, Museo Arqueológico Provincial, 1995.
- Fernando II* = M. Recuero Astray, M. González Vázquez e P. Romero Portilla, *Documentos Medievales del Reino de Galicia: Fernando II (1155-1188)*, Santiago de Compostela, Xunta de Galicia, 2000.
- Fueros* = G. Martínez Díez, *Fueros locales en el territorio de la provincia de Burgos*, Burgos, Caja de Ahorros Municipal, 1982.
- GSJoão* = I. García Tato, *Las encomiendas gallegas de la orden militar de San Juan de Jerusalén. Estudio y Edición* (vol. I), Santiago de Compostela, CSIC-Instituto de Estudios Gallegos “Padre Sarmiento”, 2004.
- HC* = E. Falque, *Historia Compostellana. Corpus Christianorum. Continuatio Medievalis. LXX*, Turnhout, Brepols, 1988.

- LC* = *Livro de linhagens do Conde D. Pedro*, ed. de J. Piel e J. Mattoso. *Portugaliae Monumenta Historica. Nova Série*, Lisboa, Academia das Ciências, 1980. 2 vols.
- LD* = *Livros velhos de linhagens*, ed. de J. Piel e J. Mattoso. *Portugaliae Monumenta Historica. Nova Série*, Lisboa, Academia das Ciências, 1980.
- Moraime* = M. Lucas Álvarez, “El monasterio de San Julián de Moraime en Galicia. Notas documentales”, em *Homenaje a Don Agustín Millares Carlo*, Las Palmas, Caja Insular de Gran Canaria, 1975, vol. 2, pp. 605-643.
- Moreruela* = M. I. Alfonso Antón, *La colonización cisterciense en la meseta del Duero. El ejemplo de Moreruela* (vol. II) (Tese de doutoramento inédita), Madrid, Universidad Complutense, 1983.
- Oseira* = M. Romani Martínez, *A colección diplomática do mosteiro cisterciense de Santa María de Oseira (Ourense) (1025-1310)*, Santiago, Tórculo, 1989.
- Sahagún* = J. A. Fernández Flórez, *Colección diplomática del monasterio de Sahagún*, León, Centro de Estudios e Investigación “San Isidoro”-Caja España-Archivo Histórico Diocesano, 1994.
- SCarrizo* = J. M. Canal Sánchez Pagín, “Documentos del monasterio de Carrizo de la Ribera (León) en la colección Salazar de la Real Academia de la Historia. Edición y comentario”, em *Archivos Leoneses*, 64 (1978), pp. 381-403.
- OSJoão* = C. Ayala Martínez, *Libro de privilegios de la Orden de San Juan de Jerusalén en Castilla y León (siglos XII-XV)*, Madrid, Editorial Complutense, 1995.
- SMarcos* = B. Casado Quintanilla, *Colección documental del priorato de San Marcos de León, de la Orden de Santiago*, León, Centro de Estudios e Investigación “San Isidoro”-Caja España de Inversiones - Archivo Histórico Diocesano, 2007.
- Tombo C* = Códice manuscrito do Arquivo da Catedral de Santiago, *Tombo C*, CF 32 (vol. I), CF 31 (vol. II).
- Toxos Outos* = F. J. Pérez Rodríguez, *Documentos do Tombo de Toxos Outos*, Santiago, Consello da Cultura Galega, 2004.
- Vilar de Donas* = J. L. Novo Cazón, *El priorato santiaguista de Vilar de Donas en la Edad Media (1194-1500)*, Corunha, Fundación “Pedro Barrié de la Maza”, 1986.

Recibido: 23/06/2011

Aceptado: 13/09/2011



FIGURA. Mosteiro de Dorneá (c. Boimorto). Porta meridional românica que comunicava a igreja com o convento.



RESUMEN: Fernando Pais de Tamalhancos se sitúa entre los más antiguos trovadores de la poesía lírica gallego-portuguesa. El análisis de la documentación permite definir con notable precisión el linaje al que perteneció y las conexiones sociales establecidas a lo largo de su vida. Los orígenes familiares nos llevan al sudoeste gallego, área en que sus antepasados consiguieron un notable poder político y patrimonial gracias a la participación en la administración y expansión territorial de los reinos centro-occidentales de la Península. Esas mismas fuentes revelan sus vínculos con el grupo familiar Traba-Lima, cuyo papel en el origen y difusión del trovadorismo gallego-portugués parece haber sido determinante, y su relación biográfica con el área asturicense.

ABSTRACT: Fernando Pais de Tamalhancos is placed amongst the Galician-Portuguese earliest troubadours. Document analysis allows us to define with remarkable precision the lineage he belonged to, and the social connections he established along his life. His family origins take us to SW Galicia, an area where his ancestors had acquired remarkable political and patrimonial power, as a result of their participation in the administration and the territorial expansion of the Iberian central-western kingdoms. These same sources reveal his ties to the family group Trava-Lima, whose role appears to have been determinant in the origin and the diffusion of the Galician-Portuguese troubadour poetry, and his biographical relation with the Astorga area.

PALABRAS CLAVE: Lírica gallego-portuguesa, Fernando Pais de Tamalhancos, genealogía, Familia Trava.

KEYWORDS: Galician-portuguese poetry, Fernando Pais de Tamalhancos, Genealogy, Trava family.